

**A Construção De Identidade Em Rede:
Influência Das Redes Sociais No Desenvolvimento Dos Jovens Do Ensino
Secundário No Pós-Covid**

Catarina Filipa De Jesus Pinto

**Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação, Cultura
Contemporânea e Novas Tecnologias**

15 de Maio 2024

Para a minha mãe e meu pai.

AGRADECIMENTOS

A realização desta dissertação de mestrado contou com importantes apoios e incentivos sem os quais não se teria tornado realidade e aos quais estarei eternamente grata.

Em primeiro lugar, agradeço a todos os docentes do Mestrado de Ciências da Comunicação da especialidade de Cultura Contemporânea e Novas Tecnologias, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas de Lisboa, por possibilitarem e incentivarem a evolução de cada aluno nesta área, por contribuírem para uma formação de excelência.

Uma palavra de agradecimento especial à Professora Doutora Maria Madalena Túbal Miranda pela sua orientação, total apoio, disponibilidade, pelo saber que transmitiu, pelas opiniões e críticas, total colaboração no solucionar de dúvidas e problemas que foram surgindo ao longo da realização deste trabalho e por todas as palavras de incentivo.

Às minhas amigas, cujo nomes não menciono, mas que sabem quem são, que me acompanharam durante esta fase, pela força e apoio. Espero-vos num café para rirmos e conversamos sobre esta aventura.

Um especial agradecimento à minha colega de vários projetos e muito minha amiga Ana Filipa, por saberes ouvir e concretizar as minhas ideias como mais ninguém o sabe. A ti devo uma viagem, por todas as horas que empenhaste na realização do conteúdo visual- “A construção de identidades” para esta dissertação.

Ao Duarte, que entre tanto que poderia dizer prefiro simplesmente agradecer e referir que o teu companheirismo e apoio foram fundamentais ao longo deste percurso. Contigo a minha vida é mais bonita.

À minha família, por acreditarem sempre em mim, independentemente do caminho que escolha.

Por último, tendo consciência que sozinha nada disto teria sido possível, dirijo um agradecimento muito sentido aos meus pais e à minha irmã, por serem modelos de coragem, pelo seu apoio incondicional, incentivo, amizade e paciência demonstrados e total ajuda na superação dos obstáculos que surgiram ao longo desta caminhada. Acima de tudo, por me mostrarem que o sonho é o alimento da alma e que com calma tudo se faz. A vocês dedico este trabalho!

A felicidade pertence a quem é livre para sonhar e ousa realizar.

Catarina Pinto

RESUMO

A presente investigação visa contribuir para as discussões existentes a respeito da construção de identidades em rede. A pandemia mundial (covid-19) veio acentuar o impacto das redes sociais no quotidiano, nomeadamente, no que diz respeito à camada mais jovem, por esse motivo, o principal objetivo deste estudo passa por perceber a influência das redes sociais mais recentes, como o *Instagram* e o *TikTok*, no desenvolvimento da identidade pessoal dos jovens portugueses. Além disso, procura-se explorar a diferença entre o ambiente digital e o mundo real, de forma a compreender como é que os jovens percebem a sua própria identidade e como é que esta se articula com a realidade offline. Requer-se também, entender como é que essa interação pode impactar as suas experiências e interações nos dois contextos, online e offline. Considera-se importante analisar fatores como o anonimato, privacidade e representação visual, de maneira a demonstrar a forma como as pessoas se apresentam e são percebidas nas redes digitais. A pesquisa irá basear-se numa metodologia mista através da qual será feito um levantamento de dados e recolha de testemunhos para obter uma compreensão abrangente e aprofundada das experiências digitais e experiências dos participantes. Tal envolverá a utilização de questionários e entrevistas para recolher informações através de dados qualitativos e quantitativos. Através de uma questão de partida sustentada por variáveis a serem estudadas: associação entre novos processos de sociabilização, identidades em rede e as práticas digitais; relação do desenvolvimento da identidade pessoal com a utilização das redes sociais; consciencialização sobre o processo de construção de identidade; foi possível concluir que, no universo da amostra estudada, as práticas digitais estão a permitir novos processos de sociabilização e novas identidades em rede. O período pandémico marcou fortemente as conexões humanas, permitiu conhecer mais pessoas e interagir mais, no mesmo tempo verificou-se que as identidades solitárias tendem a aumentar. A fragmentação do “eu” no espaço digital veio possibilitar a descoberta do *self* nos mais variados contextos, permitindo explorar a identidade a vários níveis. Foi ainda possível concluir que, a era digital veio alterar para sempre a forma como os jovens se percebem e são percebidos, tanto no contexto online como no offline. Contudo, apesar do

espaço digital apresentar muitos benefícios ainda é receado por estes jovens, por isso a literacia digital desempenha um papel fundamental neste processo.

PALAVRAS-CHAVE: Construção de Identidade; Redes Sociais; Jovens; Interação; Perceção; Mudança.

ABSTRACT

This research aims to contribute to existing discussions on the construction of networked identities. The global pandemic (covid-19) has accentuated the impact of social networks on everyday life, particularly with regard to the younger generation. For this reason, the main objective of this study is to understand the influence of the most recent social networks, such as Instagram and TikTok, on the development of the personal identities of young Portuguese people. It also seeks to explore the difference between the digital environment and the real world, in order to understand how young people perceive their own identity and how this is articulated with offline reality. We also need to understand how this interaction can impact their experiences and interactions in both online and offline contexts. It is considered important to analyse factors such as anonymity, privacy and visual representation in order to demonstrate how people present themselves and are perceived on digital networks. The research will be based on a mixed methodology through which data will be collected and testimonies gathered in order to gain a comprehensive and in-depth understanding of the participants' experiences and backgrounds. This will involve the use of questionnaires and interviews to gather information through qualitative and quantitative data. Through a starting question supported by variables to be studied: association between new socialisation processes, networked identities and digital practices; relationship between the development of personal identity and the use of social networks; awareness of the process of identity construction; it was possible to conclude that, in the universe of the sample studied, digital practices are enabling new socialisation processes and new networked identities. The pandemic period has had a strong impact on human connections, making it possible to meet more people and interact more; at the same time, it has been noted that solitary identities tend to increase. The fragmentation of the "I" in the digital space has made it possible to discover the self in the most varied contexts, allowing identity to be explored at various levels. It was also possible to conclude that the digital age has forever changed the way young people

perceive themselves and are perceived, both online and offline. However, although the digital space has many benefits, it is still feared by these young people, which is why digital literacy plays a fundamental role in this process.

KEYWORDS: Identity; Social Networks; Teenagers; Interaction; Perception; Change.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	9
I. A Construção de Identidade	10
I.1. Identidade Pessoal	13
I.2. Identidades em Rede	16
II. A Era Digital: Sociedade Contemporânea	21
II.1. As redes sociais: <i>Instagram</i> e <i>TikTok</i>	24
II.2. Novas identidades nas redes sociais: comunidades virtuais	26
III. A Pandemia Covid-19	31
III.1. As práticas digitais após a pandemia	32
III.2. Efeitos das interações virtuais	34
IV. Metodologia	38
IV.1. População-alvo e estudo da amostra	40
IV.2. Objetivos e desafios	41
V. Resultados e discussão	41
V.1. Descrição dos Dados Quantitativos	42
V.2. Descrição dos Dados Qualitativos	46
VI. Análise dos resultados	54
CONCLUSÃO	64
ANEXO(S)	67
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	78

INTRODUÇÃO

A crescente integração da tecnologia digital no quotidiano tem transformado profundamente a maneira como nos relacionamos, comunicamos e até como nos identificamos. É certo que, a ascensão das redes sociais, na sociedade contemporânea, marcou imensamente a forma como interagimos e nos relacionamos. As plataformas digitais, como o *Facebook*, *Instagram*, *Twitter*, *TikTok* e tantas outras, tem-se revelado parte integrante na vida quotidiana das pessoas em todo o mundo.

No entanto, à medida que a adaptação a essa revolução tecnológica evolui surgem questões importantes, nomeadamente sobre a forma como as redes sociais influenciam o desenvolvimento da identidade pessoal.

A identidade pessoal é um conceito abrangente que envolve a compreensão de quem somos, das nossas crenças, valores, interesses, autoimagem e conexões sociais. É um facto, que a identidade pessoal desempenha um papel fundamental na formação da nossa autoestima, nas escolhas profissionais, nos relacionamentos interpessoais e, obviamente, está intimamente ligada com a saúde mental.

Pretende-se investigar esta problemática através da sociedade digital. A constante exposição ao meio digital permite uma envolvimento muito maior com as redes sociais, por esse motivo, é necessário investigar a forma como essas plataformas moldam a percepção dos jovens. Questões como a autorrepresentação online, a comparação social, a influência das redes na autoestima e na autoimagem, bem como os efeitos psicológicos das interações virtuais, são elementos centrais deste estudo.

A identidade no contexto online e offline revela-se um fenómeno de bastante interesse para a presente pesquisa, principalmente porque o mundo atravessou um período fora do comum, a pandemia Covid-19. Certamente que, agora começamos a ver algumas das consequências desse tempo atípico, como tal analisar estes aspetos torna-se fundamental para melhor compreender o impacto global desta experiência.

A questão de motivou esta investigação incide sobre o seguinte aspeto, será que as práticas digitais estão a promover o surgimento de novos processos de sociabilização e

identidades online, ou estaremos a observar uma redução das interações e o surgimento de identidades mais isoladas?

Para responder à pergunta de investigação, este estudo foi estruturado da seguinte maneira, será apresentado um enquadramento teórico dividido em três partes. Inicialmente, será abordada a Construção de Identidade, acompanhada dos subtópicos: identidade pessoal e identidades em rede, seguida pela análise do tópico referente à Era Digital, com foco na sociedade contemporânea, acompanhada dos subtópicos: as redes sociais *Instagram* e *TikTok* e novas identidades nas redes sociais, salientando o tema relativo às comunidades virtuais. Por fim, será discutido o impacto da pandemia COVID-19, através dos subtópicos: as práticas digitais após a pandemia e efeitos das interações virtuais.

Após a revisão de literatura, segue-se o capítulo dedicado à metodologia. Neste tópico será abordada a população-alvo e o estudo da amostra, seguidos pelos objetivos e desafios. De seguida, encontra-se o capítulo dedicado aos Resultados e Discussão, no qual serão descritos os dados recolhidos dos estudos quantitativo e qualitativo. Por fim, será apresentada a análise final dos resultados, culminando na conclusão do estudo e ainda as limitações desta investigação e algumas sugestões para futuros trabalhos de pesquisa.

Com esta investigação, pretende-se contribuir para dinamizar um maior conhecimento sobre a construção de identidades em rede. Além disso, é também objetivo deste estudo que as suas conclusões sejam uma ferramenta útil para os profissionais de comunicação no setor da cultura contemporânea e novas tecnologias, na medida em que, os dados resultantes permitirão compreender melhor o panorama digital do século XXI e o ser humano.

I. A Construção de Identidade

Quando falamos de identidade a primeira noção que se apresenta é a descoberta do eu enquanto ser humano, ser familiar, ser social ou até ser profissional. Para Águita et al. (2020), a identidade apresenta-se através da igualdade e da diferença, é a forma como o sujeito se insere na sociedade e dependendo do grupo social perceber como é que se pode diferenciar ou igualar ao mesmo.

Stuart Hall no seu livro “A identidade cultural na pós-modernidade” explora os problemas que envolvem questões relacionadas com as identidades individuais e coletivas do tempo presente. Como tal, desenvolve a sua teoria em torno daquilo que intitulou como “crise de identidade”, que de acordo com ele vem provocar o sujeito na modernidade tardia. “Esse sujeito já foi considerado unificado, mas nos dias de hoje, encontra-se cindido, fragmentado, deslocado e descentrado numa polissemia de identidades com as quais precisa de lidar” (Hall, 1997, p.7-8). Para sustentar a sua teoria, o autor defende que existem três momentos que definem as conceções identitárias. O primeiro integra a perceção do indivíduo totalmente centrado e unificado: “consiste no núcleo em que o sujeito nasce e se desenvolve, permanecendo essencialmente o mesmo (...) portador de uma identidade fixa” (Hall, 1997, p.7). Seguidamente, apresenta o sujeito sociológico: “a complexidade do mundo afeta a composição da pessoa em relação a outros significantes (...) a identidade forma-se através da interação entre o indivíduo e a sociedade na qual está inserido” (Hall, 1997, p.7). Por último, divulga a ideia do sujeito pós-moderno: “inserido num mundo fluido, com rápidas e constantes transformações, também a identidade desse indivíduo passa a ser fluida, porosa e de difícil delimitação (...) as conceções identitárias passam a definir-se como múltiplas e facetadas. A identidade é agora uma questão pessoal e subjetiva que passa pelas escolhas individuais”.

Mais concretamente, Hall (2001) explica a identidade como um processo evolutivo e inconsciente e não algo que nos acompanha desde que nascemos. Para este autor, “a identidade surge de um lado incompleto na nossa totalidade, enquanto seres humanos, que é “preenchido” através das formas como nos imaginamos a ser vistos por outros” (Hall, 2001, p. 39).

Zygmunt Bauman, no seu livro “Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi”, procura salientar um mundo repleto de incertezas e fragmentações em função da redefinição imposta pela “modernidade líquida” ou globalização, como define o autor. De modo a completar o parágrafo anterior e explicando a sua teoria, o sociólogo afirma que “o processo evolutivo da identidade deve-se à liquidez dos novos tempos. A identidade deixa de ser algo adquirido com nascimento e passa a ser percecionada como algo em constante construção e transformação” (Bauman, 2005). “Já não se trata de uma coisa imposta, mas do produto de escolhas” (Nóbrega, 2010, pp.95-96).

É importante perceber que a identidade não é uma entidade fixa. É um processo dinâmico e fluido que pode mudar ao longo do tempo, à medida que nos deparamos com novas experiências, conhecemos novas pessoas e enfrentamos novos desafios. Para reforçar, “a construção da identidade é um processo dinâmico, para o qual contribuem todas as dimensões da identidade individual, social e cultural” (Amante et al., 2014, p.2).

Quando se fala da construção da identidade reconhecemos que é um processo complexo e contínuo que envolve a formação e a expressão do próprio “eu” de um indivíduo. A autora Inês Pereira refere que, a construção da identidade são “complexos processos que levam o homem a ser aquilo que é, a agir, apresentar-se e auto perceber-se de determinada forma” (Pereira, 2002, p.1). Engloba, ainda, uma variedade de aspetos, incluindo experiências pessoais e relações interpessoais, contexto cultural, socialização e auto percepção.

Existem diversos fatores que podem influenciar a formação da identidade como o ambiente em que crescemos, a família, os amigos, a educação, os meios de comunicação, a cultura e a sociedade como um todo. De acordo com Lúcia Amante et al.,

“A formação da identidade pode ser influenciada a partir de fatores intrapessoais- capacidades inatas do indivíduo e características adquiridas da personalidade; de fatores interpessoais- identificação com os outros; e de fatores culturais- valores sociais a que o sujeito é exposto quer globalmente quer na comunidade em que está inserido. É um processo que se desenrola dentro da esfera das relações sociais onde o sujeito deve compreender quem é, a sua singularidade e o seu papel na sociedade”. (Amante et al., 2014, p.2)

À medida que crescemos e nos desenvolvemos, começamos a assimilar diferentes aspetos destas influências na própria compreensão de quem somos. Inicia-se o processo de formação do nosso próprio sentido de valores, crenças e objetivos, que moldam a nossa identidade. Para Zhao et al. (2008), “a identidade não se trata de uma característica individual inata da pessoa, mas um produto social, onde se reúnem as influências recebidas do ambiente social, com desempenhos diferentes segundo os contextos”.

O processo de construção de identidade também está relacionado com a nossa capacidade de categorizar. Para João Pereira et al.,

“A fragilidade temporal da nossa existência precede a nossa necessidade de estabelecer uma visão nítida do mundo, das coisas, dos objetos, sentimentos, afetos e até mesmo de nós mesmos, de quem somos e quem são os outros. Assim, surge a necessidade de categorizar, criar identidades”. (Pereira et al., 2022, p.594)

Através deste processo, questionamos as nossas próprias crenças, interesses e objetivos, e esforçamo-nos por compreender melhor e entender o nosso lugar no mundo. Este processo pode ser influenciado por acontecimentos significativos nas nossas vidas, como transições importantes, experiências emocionais intensas ou desafios pessoais. Desenvolver os próprios pontos de vista ou saber como olhar para o mundo é um processo de autodescoberta e autoconsciência que dura a vida toda. À medida que crescemos e amadurecemos, as nossas experiências e interações com o mundo moldam a nossa compreensão. Podemos ser influenciados, mas, em última análise, cabe a cada um desenvolver a sua própria perspectiva sobre as questões que mais lhe interessam.

Contudo, é importante referir que há fatores que podem contribuir para a confusão na identidade levando a uma perda de sentido e, conseqüentemente, a uma possível crise. São exemplos, “a perda dos laços familiares, fraca ligação ao grupo de amigos, e experiências de insucesso no processo de separação emocional entre o jovem e as figuras parentais” (Amante et al., 2014, p.2).

O caminho para desenvolver as nossas próprias opiniões é gratificante, permite-nos compreender melhor quem somos e onde pertencemos, capacita-nos para sermos cidadãos ativos e informados, e para trabalharmos para uma sociedade justa e equitativa para todos. A construção da identidade é fundamental para o desenvolvimento pessoal e pode impactar vários aspetos das nossas vidas, incluindo os nossos relacionamentos, escolhas profissionais, valores políticos e, inclusive, a própria visão sobre o mundo.

I.1. Identidade Pessoal

A identidade pessoal é um conceito que engloba a percepção que um indivíduo tem de si próprio, incluindo as suas características, valores, crenças, experiências e papéis sociais. É a soma de todos os elementos que nos tornam quem somos enquanto indivíduos únicos e distintos. “A noção de identidade associa-se, fundamentalmente, a um sentimento de

continuidade, de individualidade, que cada ser humano possui, sentimento que pode distingui-lo de qualquer outra pessoa” (Almeida et.al 2013).

Para João Pereira et al. (2022) quando pensamos no conceito de identidade a primeira questão que surge é “Quem sou eu?”. A resposta muitas vezes pode ser complexa e leva-nos a questionar tudo o que consideramos saber sobre nós mesmos, inclusive leva-nos a questionar coisas que, provavelmente, ainda não teríamos considerado. É a partir desta linha de pensamento que iniciamos um caminho de descobertas e redescobertas sobre nós, sobre a nossa maneira de existir, a forma como reconhecemos e somos reconhecidos, fazendo com que a identidade, de acordo com as palavras de Ciampa (2002), seja um movimento de transformação, uma metamorfose, tendo em conta o seu carácter mutável.

Compreender a nossa identidade é fundamental para desenvolver um sentido de autoconsciência, realização pessoal e desenvolvimento. Outro ponto muito interessante e que conduz a uma reflexão do nosso papel no mundo é a questão da construção identitária apresentada por Bauman no seu livro “Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi”. O autor de forma clara e detalhada aborda a questão da construção da identidade e como esta pode ser determinada por acontecimentos exteriores, podendo contribuir para a construção identitária de cada indivíduo, isto é, contruímos a nossa identidade em detrimento de termos nascido com ela. “Houve um tempo em que a identidade de uma pessoa era determinada fundamentalmente pelo meio profissional, hoje é fruto de determinadas escolhas onde há inúmeras possibilidades” (Bauman, 2005, p. 51).

A identidade pessoal é moldada por uma variedade de influências, incluindo as nossas experiências de vida, cultura, educação, relações e ambiente social. Sendo essas experiências positivas, como atingir um objetivo pessoal, ou negativas, como sofrer um acontecimento traumático. Destas experiências resulta um impacto profundo na percepção de nós próprios e no papel que pretendemos desempenhar na sociedade. Podemos dizer que,

“(…) a identidade e toda estrutura ligada à sua conceção trata de um processo que é inerente à própria mente humana e relaciona-se com a nossa experiência e a nossa maneira de ser no mundo. Cada trajetória percorrida por cada um de nós é responsável por abrir inúmeras possibilidades de formação de identidades diferentes que, por sua vez, são sempre singulares. Somos

resultado da nossa interação com o mundo e com as pessoas que convivemos. Somos fruto de um contexto histórico, económico, social e cultural e tudo isso contribui para a formação da nossa identidade.” (Pereira et al., 2022, p.594)

Stuart Hall, teórico cultural e sociólogo, no seu livro “A identidade cultural na pós-modernidade”, leva a reflexão das várias questões a respeito das identidades culturais no âmbito da pós-modernidade. Mais concretamente, o autor defende que as velhas identidades estão em declínio e isso suscita o aparecimento de novas identidade, fragmentando o indivíduo moderno. “A ideia de uma identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia, já que temos agora, um sujeito composto por várias identidades, por vezes até contraditórias” (Hall, 2006). “Além disso, não podemos ignorar que essa necessidade de identificação é uma forma de substituir a perda de um “sentido em si” do indivíduo, também chamada de “deslocamento ou descentração do sujeito” (Corrêa, 2019, p.11).

Durante o período da adolescência o processo de construção da identidade pessoal adquire grande importância. “Altura em que o jovem procura nos outros algo com que se possa identificar, desempenhando os múltiplos papéis que se lhe vão oferecendo” (Amante et al., 2014, p.2).

Segundo Erikson (1976), o jovem tem necessidade de se identificar ou opor ao seu meio familiar, grupo de amigos e/ou colegas. Isto poderá criar situações de conflito, em que a procura do “Eu” é de tal forma intensa que é possível os jovens deparem-se com uma crise de identidade. A problemática da identidade remete para um processo em construção, em que o outro é indispensável,

“(…) o outro é a alteridade. Assim sendo, a formação da identidade pessoal implica necessariamente a formação da identidade social. O jovem vai dando conta que pertence a uma sociedade e por essa razão tem de gerir equilibradamente a sua identidade pessoal – a sua diferença – e os modelos sociais e culturais da sociedade em que está inserido”. (Amante et al., 2014, p.2)

Em cada contexto, como afirma Almeida (2006, p.85) o sujeito pretende “ser reconhecido como uma determinada pessoa (que supõe ou procura ser) e é reconhecido ou

não (conforme o que os outros pressupõem que seja)”. “Toda a construção identitária é comunicada ao mundo e aos outros sob a forma de representação” (Nóbrega, 2010, p.99). É um projeto em criação e deve ser reinventado para nos afirmarmos.

I.2. Identidades em Rede

Antes de falar no termo identidade em rede, é primeiro necessário entender, no que consiste a sociedade em rede. “É a sociedade cuja estrutura social foi construída em torno de redes de informação, a partir do desenvolvimento das tecnologias, por sua vez, estruturam redes que conectam o mundo” (Corrêa, 2019, p.4).

Manuel Castells no seu livro “A galáxia internet: reflexões sobre internet, negócios e sociedade”, aponta a Internet como a nova mídia. O autor afirma que três processos independentes se uniram e inauguraram a mais recente estrutura social, por sua vez, baseada num novo formato de redes: as exigências da economia por flexibilidade administrativa e por globalização do capital, da produção e do comércio; as demandas da sociedade, em que os valores da liberdade individual e da comunicação aberta revelaram-se supremos e os avanços da tecnologia a nível dos computadores e telecomunicações que permitiram uma revolução. Para ele, estes processos devem ser compreendidos se queremos mudar a nossa realidade.

Nesse sentido, Castells (2004 p. 287), argumenta que, o advento da internet é muito mais que uma simples tecnologia, é o meio de comunicação que permitiu uma nova organização social na sociedade, assim como possibilitou transformar o virtual na nossa realidade constituindo a sociedade em rede, que é a sociedade em que vivemos. Deste fenómeno “destaca-se a estruturação de um novo tipo de organização social, sustentado pelas redes computacionais, e que dá origem à sociedade em rede” (Corrêa, 2019, p.12).

João Pereira et al. (2022, p.596), defende que, o paradigma social que resultou da “explosão” do meio digital permitiu que os indivíduos se interligassem mais rapidamente, modificando o processo da interação humana na sociedade contemporânea. Sendo capaz de moldar a construção de identidades em qualquer lugar do mundo, onde exista acesso a estes veículos de propagação. É fácil entender que a internet surgiu com um propósito burocrático.

No entanto, rapidamente transformou a realidade e foi para além do seu propósito, simples meio de comunicação ou instrumento de trabalho, permitindo que se transformasse num meio de interação e organização essencial para a sociedade (Castells et al, 2000, como

citado por Silveira, 2004, p.46). À medida que a sociedade se torna cada vez mais interligada através da internet, as formas tradicionais de definir e expressar identidade passam por transformações significativas. Este fenómeno vai além de simples perfis online, centrando-se na experiência humana, influenciando a forma como nos percebemos e nos relacionamos com o mundo ao nosso redor. Segundo Castells (2000) e Levy (2003) também se apresenta como ambiente virtual capaz de gerar cooperação e participação democráticas inigualáveis na história da humanidade.

O termo identidades em rede refere-se ao conceito de como as identidades individuais estão interligadas e são influenciadas pelo digital, pelo cultural, pelo social, entre outros. A construção de identidades em rede representa um fenómeno complexo e fascinante na era digital contemporânea, “a formação da identidade ocorre de maneira gradual e contínua sofrendo influências de diversos aspetos que permeiam a relação do indivíduo com o meio e com o outro” (Pereira et al., 2022, p.592).

Atualmente, as identidades em rede revelam-se cada vez mais prevaletentes. O mundo digital permitiu ao ser humano conectar-se aos seus pares, que partilham os mesmos interesses, valores e crenças, criando um sentido de comunidade que transcende as fronteiras geográficas. Este sentido de comunidade levou à formação de novas identidades que não são limitadas pela localização física, mas sim por experiências e ligações partilhadas. “O indivíduo busca, incessantemente, integrar-se com os seus semelhantes (...) pessoas com as quais realmente se identifique” (Corrêa, 2019, p.12).

Estas identidades em rede são fluidas e dinâmicas, capazes de mudar ao longo do tempo e em diversos contextos. “O indivíduo é resultado de múltiplas identificações com traços do outro que, como fios que se tecem e se entrecruzam para formar outros fios, vão se entrelaçando e construindo a rede complexa e híbrida do inconsciente e, portanto, da subjetividade” (Coracini, 2007 p.61). “Mais ainda, cada indivíduo acaba por compor a sua identidade a partir desta multiplicidade de pertenças e inserções, constituindo-se como ser uno, ainda que multifacetado, atuando de modo algo diverso de acordo com o contexto” (Pereira, 2002, p.4).

Neste contexto, a era digital oferece um espaço multifacetado para a construção de identidades, permitindo que os indivíduos expressem diferentes facetas de si mesmos, que se

conectem a diversas comunidades e moldem as suas narrativas pessoais de maneiras inéditas. Por esse motivo,

“Faz parte das competências de qualquer indivíduo o transitar entre diversos mundos, assumindo diferentes papéis, seguindo diferentes códigos e interagindo no seio de contextos distintos. Deste facto resulta a construção de identidades multifacetadas, marcadas por aquilo a que Gilberto Velho chama potencial de metamorfose”. (Velho, 1994: 29, como citado por Pereira, 2002, p.3)

Para se avançar neste tema, é preciso entender no que consiste a identidade online. Entende-se por identidade online a forma “como as pessoas constroem e apresentam a sua representação na internet” (McRobbie, 1993). Este processo é muito influenciado pela interação com outras pessoas, pelo ambiente online e pelas escolhas individuais dos seus participantes.

Angela McRobbie no seu artigo “Feminism, Postmodernism and the Real Me” defende a importância de reconhecer as identidades como construções culturais e performativas, ao invés de essências fixas. De acordo com a autora, “a identidade online deve ser uma extensão ou uma versão virtual da identidade offline das pessoas, permitindo que se possa construir e desenvolver de diferentes maneiras dando oportunidade às pessoas de experimentar ou de expressar diferentes aspetos de si mesmas” (McRobbie, 1993).

A socióloga Sherry Turkle, no seu livro “*Second Self Computers And The Human Spirit*” oferece uma análise profunda sobre a influência dos computadores na identidade humana e nas interações sociais. A escritora explica que a tecnologia digital não facilita apenas as tarefas, também transforma a maneira como nos entendemos e somos entendidos pelo outro. Sherry Turkle sugere que, ao refletirmos sobre a nossa relação com os computadores, podemos perceber novas perspetivas sobre a natureza humana e a dinâmica social no contexto de um mundo cada vez mais digital.

O processo da construção da identidade online passa por vários fatores, como a autenticidade - i.e., “a identidade online pode ser contruída com base na autenticidade, onde

os indivíduos apresentam uma representação fidedigna de si, partilhando informações pessoais importantes, interessantes e genuínas” (Turkle, 2005). Consequentemente, podem surgir conexões significativas levando à troca de confiança com outros indivíduos. Segue-se a construção seletiva - i.e., “neste caso os sujeitos escolhem os aspetos da sua identidade que desejam partilhar. Esta construção pode levar ao desenvolvimento de personas digitais utilizadas especificamente, para os diferentes contextos e plataformas” (Turkle, 2005). A representação visual – i.e., “a imagem visual é fundamental na construção da identidade online” (Turkle, 2005).

Este tem sido um assunto muito debatido, pois a apresentação da imagem implica escolha de avatares, fotos de perfil e tantos outros elementos visuais que podem refletir a personalidade, interesses ou valores de alguém. É importante referir que, a forma como uma pessoa se apresenta, em termos visuais, no espaço online pode certamente influenciar a forma como é percebida pelos outros.

As implicações da identidade online são diversas e pode afetar aspetos pessoais, profissionais e sociais. Uma das principais preocupações levantadas por Sherry Turkle (2011) é a ideia de que a identidade online facilmente pode ser manipulada e fragmentada.

A liberdade que advém do uso das redes sociais e de outras plataformas digitais também traz consigo desafios, pois a fronteira entre a realidade e a representação online revela-se, muitas vezes difusa, podendo levar os indivíduos a questionar a autenticidade das identidades construídas. Nas redes sociais e noutros espaços virtuais, os indivíduos têm a capacidade de criar personas idealizadas, partilhando apenas aquilo que desejam, revelando, em alguns casos, falta de autenticidade nas interações e as pessoas escondem-se nas suas identidades contruídas.

Concordar-se com Sherry Turkle (2011), quando diz que, “a constante exposição nas plataformas digitais pode levar a uma procura excessiva de validação externa e dependência da aprovação do outro”. O resultado dessa dependência e necessidade de aprovação pode ser a falta de autoestima e de autoconfiança. Ainda outra questão levantada pela escritora é a ideia de que a comunicação online pode originar a falta de empatia e de compreensão mútua. “Através dos ecrãs as pessoas podem sentir-se desconectadas do impacto emocional das suas

palavras e ações sobre os outros e isso pode levar a comportamentos mais impulsivos, insensíveis ou agressivos no meio digital” (Turkle, 2005).

Ao aprofundar este tema, somos levados a refletir sobre a forma como as plataformas digitais moldam as nossas percepções de identidade, como influenciam as nossas relações interpessoais e, por fim, como redefinem o significado de ser humano numa era cada vez mais conectada. A era digital revolucionou a forma como construímos as nossas identidades, “o computador, devido à sua capacidade de interação, ao seu caráter animado e às possibilidades que oferece para trabalhar diversas questões e de explorar outras versões de nós mesmos, efetivamente, incorpora o desenvolvimento cognitivo e afetivo do indivíduo” (Turkle, 2005, p. 317).

O sociólogo britânico Anthony Giddens, no seu livro “*The Consequences of Modernity*”, faz uma análise abrangente das características da modernidade e das suas implicações para a sociedade e o indivíduo. Argumenta que,

“A modernidade é definida pelo seu dinamismo, desençaixe da relações sociais, a coexistência de segurança e risco, e a reflexividade na construção da identidade. A globalização surge como uma força poderosa que amplia e intensifica essas características, moldando a experiência humana de uma maneira profunda e complexa”. (Giddens, 1991, p.175)

O autor convida a uma reflexão sobre essas dinâmicas e de que maneira se pode compreender melhor o mundo contemporâneo que se vive, por isso, afirma que “uma pessoa pode usar a diversidade de modo a criar uma autoidentidade distinta, que incorpora positivamente elementos de diferentes cenários numa narrativa integrada” (Giddens, 1991, p.175). “As possibilidades inerentes à virtualidade, por outro lado, podem proporcionar a algumas pessoas a desculpa para serem irresponsáveis, de se expressar criativamente de modo que, noutra contexto, seriam reprimidas” (Turkle, 2005, p. 319).

Existe liberdade para nos expressarmos de maneiras e formas sem precedentes, também para nos conectarmos a outras pessoas de todo o mundo. No entanto, também nos colocou perante diversos desafios, nomeadamente em termos de autenticidade e confiança. À medida que continuamos a navegar neste cenário de rápida evolução, é essencial refletir sobre as implicações destas mudanças para as nossas identidades individuais e coletivas,

“O homem cada vez mais sente a necessidade de se integrar a grupos sociais, de se envolver com pessoas que compartilhem algo em comum, com as quais tenha uma certa identificação, enfim, há um retorno à busca de características que lhe forneçam uma identidade, uma forma de se fazer reconhecer diante dos outros”. (Corrêa, 2019, p.4)

II. A Era Digital: Sociedade Contemporânea

Atualmente, estamos submersos na chamada “Era Digital”, um período definido pela proliferação e integração das tecnologias digitais em todos os aspectos da vida humana. Como nos diz a autora Livia Nóbrega,

“A era dita pós-moderna modifica as relações identitárias de tal modo que, se antes o indivíduo convivia com uma única identidade, que geralmente gravitava em torno da profissão ou da função familiar da pessoa, na atualidade os indivíduos conseguem conciliar diversas identidades no cotidiano.” (Nóbrega, 2010, p.99)

“Numa era cada vez mais globalizada e digitalizada, as pessoas constroem as suas identidades não apenas com base nas suas experiências individuais, mas também através de interações com comunidades online, redes sociais, grupos culturais e outros contextos sociais” (Pereira et al., 2022, pp. 600-601). Uma das principais características desta sociedade é a conectividade omnipresente. O surgimento das redes sociais, como o Instagram, o Facebook, Twitter e/ou o TikTok, foi bastante benéfico para as relações e interações entre os indivíduos, permitiu-lhes comunicar instantaneamente, podem compartilhar informações, ideias ou experiências em tempo real e a partir de qualquer lugar do mundo.

No entanto, este fenómeno tem implicações na forma como nos relacionamos com os outros e como percebemos o mundo ao nosso redor. Passa a existir uma nova forma de viver, a autorrepresentação online tem cada vez mais peso na vida dos utilizadores, com isso assume-se que “a lógica da vida contemporânea é a lógica da espetacularização da vida (...) necessidade de transformar em espetáculo todos os aspectos da vida humana, uma relação visível e inegável com as redes sociais” (Pereira et al., 2022, p. 600-01). Aqui a aparência sobrepõe-se à própria existência, parecer é mais importante do que ser (...) o que se conhece de uma pessoa é apenas o que ela mostra, não o que realmente é, e é nesse momento que

começa uma rutura entre identidade real e imagem apresentada (Pereira et al., 2022, pp. 600-601). Para Livia Nóbrega (2010, p.96) “a pós-modernidade propiciou que as identidades se formassem em torno do lazer, da aparência, da imagem e do consumo”. A autora ainda refere que,

“Nesse baile de máscaras, onde o indivíduo troca de identidade como quem troca de roupa, transitando facilmente entre a imensa gama de opções identitárias existentes, a media passa a ser um espaço – se não o primordial – em que diversos modelos de sujeitos e de posicionamento são ofertados às pessoas.” (Nóbrega, 2010, p.96)

Segundo Pereira et al., (2022), podemos explicar a sociedade contemporânea como a sociedade da autoimagem, a qual é mediada pela construção da imagem, pela autorrepresentação online, pelas próprias relações interpessoais que são construídas através das imagens e que, por sua vez, podem afetar a percepção que o outro tem de nós e vice-versa. “Essa lógica dominante faz-se presente até mesmo se o indivíduo não participa de forma ativa na produção de conteúdo, pois acaba por consumir sendo espectador de momentos da vida do outro (...) esse modelo de vida que preza o parecer” (Pereira et al., 2022, pp. 600-601).

Falar da sociedade contemporânea é mencionar os desafios e as transformações que enfrentamos diariamente, por esse motivo é tão importante mencionar a cultura digital. A crescente integração da tecnologia digital no quotidiano tem provocado transformações profundas na vivência do ser humano. Neste contexto, a cultura digital e a identidade online apresentam-se como conceito chave, permitindo a reflexão sobre a relação entre a sociedade e o mundo virtual, que se revela cada vez mais intensa.

A cultura digital compreende os valores, práticas e comportamentos que surgem da utilização das tecnologias digitais. Engloba a forma como consumimos informação, como nos entretemos e nos expressamos, até mesmo a maneira como aprendemos e interagimos socialmente. Paralelamente, a identidade online manifesta-se como a representação virtual de quem somos e como nos apresentamos no meio digital. Através da construção de perfis, da participação nas redes sociais, da criação de conteúdo e da interação com outras pessoas

no ambiente online. Ressalva-se que a identidade online pode ser uma extensão de quem somos no offline, contudo também pode ser moldada e transformada.

De acordo com Marshall McLuhan (2000), “os meios de comunicação orientam a maneira como as pessoas pensam, sentem e se relacionam entre si e com o mundo”. Atualmente atravessamos uma era digital, na qual as tecnologias, como a internet, os dispositivos móveis e as redes sociais ocupam um grande espaço na vida quotidiana, influenciando vários aspetos na vida dos sujeitos, inclusive a forma como constroem identidades. Tudo isto envolve a criação e a partilha de conteúdo disponível online, a participação em comunidades virtuais, o acesso à informação instantânea, a formação de identidades digitais, a reconfiguração dos espaços público e privados e a própria redefinição do tempo e do espaço. A cultura digital é a transformação a olhos vistos da forma como as pessoas vivem o seu dia a dia, como procuram relacionar-se e como percecionam o mundo em seu redor.

A evolução da cultura digital tem sido um processo contínuo e bastante dinâmico, obviamente impulsionada pelos avanços tecnológicos e pelas transformações sociais. O que começou com o surgimento dos primeiros computadores impulsionou a criação do espaço online, isto é, a internet. De seguida, as comunidades no digital (redes sociais) onde o principal objetivo é que os usuários produzam conteúdo próprio e partilhem entre si, outros conteúdos variados. “Na cultura digital, somos todos produtores e consumidores de informação. A fronteira entre os dois papéis é cada vez mais ténue” (Lévy, 1999). Mais tarde, surge a era dos smartphones e aplicações, nasce uma nova forma de partilha e receção de informação, entramos no tempo do instantâneo. A influência dos media sociais aumentou exponencialmente, provocando uma alteração na forma como os indivíduos se comunicam e expressam. Atualmente, as interações com a inteligência artificial (I.A.) e a realidade virtual (R.V.) proporcionam um dia a dia mais facilitado, por exemplo, com a utilização de assistentes virtuais como a Siri ou a Alexa. Não obstante, tanto a I.A como a R.V são tecnologias em expansão e, por isso, o campo da cultura digital continua a mudar e a provocar novas perceções, interações e formas de comunicar na sociedade contemporânea.

A era digital é um período de transformação e oportunidade, à medida que exploramos este novo território, é crucial permanecermos vigilantes, adaptáveis e comprometidos em promover um futuro digital que seja sustentável para esta nova geração.

II.1. As redes sociais: *Instagram e TikTok*

As redes sociais são plataformas online que possibilitam a conexão entre os indivíduos e organizações, através delas podem partilhar ideias e interesses. Para Marteleto (2001, como citado por Pereira et al., 2022, p.597), “são um conjunto de pessoas e/ou organizações que estão conectadas por relacionamentos sociais, que podem ser motivados por amizades, por relações de trabalho, ou por interesse em trocas de informações”. Dado o panorama digital, estas plataformas desempenham um papel fundamental na comunicação e interação humana,

“o surgimento das redes sociais vem, naturalmente, interferir, dado que se constitui como um novo espaço de interação que, sendo privilegiado pelos adolescentes, passa também a ser palco de construção da sua identidade, podendo assumir um papel de relevo. Estudos recentes demonstram que a ausência de anonimato faz com que os adolescentes usem as redes sociais como um prolongamento do mundo offline, em que a sinceridade do discurso e a rejeição dos falsos perfis demonstram uma procura de afirmação da sua identidade como algo real.” (Larsen, 2008)

“Existe uma grande diversidade de redes sociais, e cada uma delas com suas determinadas finalidades, de um modo geral seguem o mesmo intuito de partilhar opiniões, experiência, perspectivas utilizando texto, imagens, áudios e vídeos para emitir uma mensagem” (Vermelho, et al. 2014). O seu crescimento foi notório e a diversidade que as redes sociais oferecem fazem com que estas sejam bastante atrativas. Como nos diz Almeida,

“O ambiente das redes sociais tem alcançado espaço no quotidiano do ser humano por oferecer recursos de grande abrangência para os usuários. Assim, atualmente, através das redes sociais é possível criar vínculos, relacionamentos mais íntimos, manter a comunicação com familiares distantes, mobilizar pessoas para uma determinada causa social, entre outras ações.” (Almeida et al, 2018 p. 4)

De acordo com *Canaltech* (2024), o Instagram surgiu em 2010, com o objetivo de ser um espaço de partilha de conteúdos fotográficos, vídeos e de interações entre os seus usuários. No entanto, o seu crescimento foi exponencial, permitindo a inovação constante da app, com novas funcionalidades, formas de interagir e comunicar. Para Ellison et al., citado por Zhao et al., (2008) as redes sociais permitem comunicar com amigos, familiares e colegas, assim como estabelecer novos relacionamentos designados de “*anchored relationships*”, que consistem em relações de amizade criadas online, mas baseadas na rede de amigos do mundo offline.

O Instagram é hoje uma das plataformas mais utilizadas pelos jovens, mas não só. Não obstante, tornou-se e tal forma popular, que os utilizadores da plataforma concorrente o Facebook migraram para o novo espaço, devido às novidades revelou-se mais atrativo.

Em 2019, segundo *Tecnoblog* (2023), surge outra grande novidade na comunidade digital, o *TikTok*. Esta é uma rede social cujo objetivo é a partilha de vídeos curtos, tendo a opção de editar e criar, sendo também possível interagir com outros participantes. Esta app tornou-se a rival direta do Instagram devido também ao seu rápido sucesso, permitindo que, mais uma vez, estas plataformas se reinventem para se adaptarem da melhor maneira ao seu público.

As redes sociais levantam muitas questões, pois a sua influência é tão forte que alterou para sempre a maneira como o ser humano comunica e interage com os seus pares. “Não são apenas janelas para o mundo. Pelo contrário, constituem fontes de mudança, valores, atitudes, formas de encarar o mundo, ideologias, olhares sobre o “outro”, mundos e futuros possíveis” (Cardoso & Lamy, 2011, p.74). Almeida et al (2018) afirma que “o adolescente acaba por se desenvolver de acordo com o ambiente virtual no qual está inserido, a rede social permite o contacto com diversas pessoas e ao fazer uso da mesma acaba por criar diversas formas de se relacionar, interagir e aprender”.

Este tipo de comunicação revelou-se um marco para a história da humanidade, a forma como nos desenvolvemos atualmente acontece em simultâneo com o perfil que temos online. “As redes sociais firmam o seu espaço como uma importante ferramenta na construção das identidades pessoais (...) ganham corpo e revelam-se não como uma tendência passageira, mas como algo que modifica radicalmente a sociedade” (Nóbrega, 2010,

p.100). Lúcia Amante et al., (2014, p.4) reforça que, “a construção da identidade através de diferentes modos de autoapresentação nas redes sociais tem-se revelado um fenómeno incontornável, com um impacto poderoso sobre a vida dos jovens e da sociedade em geral”.

Nas palavras de João Pereira et al., (2022), o sujeito passa a exercer um papel ativo a partir do momento em que as redes sociais surgiram, pois para além de ser influenciado na construção da sua própria identidade também está presente na dos demais. De acordo com Wilson et al. (2012) “constata-se que a definição da identidade nas redes acontece, antes de mais, através dos elementos inseridos no perfil, constituindo-se o estudo destes perfis como um interessante campo de pesquisa sobre a autoapresentação num contexto social autêntico”.

O ambiente virtual oferece muitas possibilidades, assim como levanta muitas questões. Para Rosa & Santos (2015), as comunidades virtuais são um ponto de interesse dado que, é importante entender as implicações desses grupos na sociedade. A grande preocupação passa por compreender de que forma é que estas pessoas lidam com o espaço público e com a ordem política. As comunidades que se constituem numa rede social de que forma como é que se estendem para o espaço offline?

II.2. Novas identidades nas redes sociais: comunidades virtuais

Nos últimos anos, testemunhamos uma explosão de identidade emergentes nas redes sociais, impulsionadas pelo desejo humano fundamental de se conectar e expressar. Estas novas identidades transcendem as fronteiras físicas e moldam as paisagens digitais das comunidades virtuais,

“(…) cresceram ao longo dos anos, tanto em número quanto em conteúdo dando assim, origem a uma sociedade virtual difusa e diversificada. Esta nova dinâmica das interações interpessoais do mundo globalizado aliada à intensa troca de informações entre os usuários das redes afetaram a configuração da identidade do sujeito pós-moderno de modo que, adquirisse um caráter fluido, transitório e mutável, é o que Stuart Hall (2001), denomina de “crise de identidade” já que, é a partir da comunicação que as identidades emergem e definem-se”. (Martino, 2006, p.5)

Nesse sentido Lemos (2008), define as comunidades virtuais como “aquelas onde existe, por parte dos seus membros, o sentimento expresso de uma afinidade subjetiva delimitada por um território simbólico, cuja partilha de emoções e troca de experiências pessoais são fundamentais para a coesão do grupo”. Acrescenta que, nem todo o grupo virtual pode ser denominado como comunidade, “pois existem certos agrupamentos sociais em que os participantes não guardam qualquer vínculo afetivo e/ou temporal, são apenas formas de agregação eletrônica” (Lemos, 2008).

Existem diversos tipos de comunidades virtuais sendo as mais conhecidas, por exemplo o *Reddit* (i.e., um fórum online onde os usuários discutem vários tópicos, desde notícias a entretenimento, até hobbies e interesses específicos), *DevianArt* (i.e., uma comunidade de artistas e entusiastas da arte, onde os membros podem partilhar as suas criações, receber feedback, participar em concursos e colaborar com outros artistas), *Twitch* (i.e., uma plataforma de *streaming* ao vivo, onde os jogadores transmitem os seus jogos e interagem com o público em tempo real), ou *Quora* (i.e., uma plataforma de perguntas e respostas onde os usuários podem perguntar sobre qualquer assunto e obter respostas de especialistas e membros da comunidade), entre tantas outras.

As comunidades virtuais oferecem um espaço único, onde os indivíduos podem explorar diferentes identidades e personas. Essas comunidades são formadas com base nos interesses comuns, objetivos, hobbies ou qualquer outro tema que possa unir os seus membros. O espaço de interação dos participantes pode ser a partir de fóruns de discussão, redes sociais ou jogos online, onde é possível criar avatares, pseudónimos e personagens que não têm necessariamente de refletir a identidade dos participantes.

A escritora Zizi Papacharissi, no seu livro “*A Networked Self and Love*”, aprofunda o tópico relacionado com as redes sociais, explicando que estas transformam as experiências e relacionamentos. Ao mesmo tempo que estas plataformas apresentam novas oportunidades para a conexão emocional e para a construção da identidade, as mesmas também apresentam desafios únicos relacionados com a autenticidade e comunicação. Uma das principais ideias de Papacharissi (2011) é que as pessoas têm a capacidade de adotar diferentes personas online, salientando que “não é necessariamente uma forma para enganar, mas uma maneira

legítima dos indivíduos se expressarem e conectarem-se uns com os outros”. “As pessoas têm o direito de experimentar diferentes aspectos das suas identidades e que isso pode revelar-se uma forma de autoconhecimento e empoderamento” (Pacharissi, 2011).

As redes sociais permitirem que as pessoas explorem diferentes aspectos de si mesmas, com a possibilidade de criar múltiplos perfis ou de permanecer anónimo,

“A busca em torno da aquisição de novas identidades é necessária para o indivíduo poder delimitar seu lugar no mundo e se fazer reconhecer como diferente entre tantos outros. A possibilidade de ser reconhecido por meio de uma ou várias identidades transforma-se na fonte básica de significação social num cenário de ampla desestruturação das organizações, deslegitimação das instituições e enfraquecimento de importantes movimentos sociais, que se delinea ao longo da modernidade”. (Corrêa, 2019, p.2)

Na mesma linha de pensamento, o autor Howard Rheingold (2003), destaca que a construção de personas e múltiplas identidades nas comunidades virtuais não serve apenas para escapar à realidade. Pelo contrário, afirma ser “uma manifestação da natureza humana querer experimentar e expressar-se de diversas maneiras. Ao criar e explorar diferentes identidades, as pessoas podem descobrir novas facetas de si mesmas, desenvolver empatia e compreensão para com o outro e inclusive promover a criatividade e a inovação” (Rheingold, 2003).

Nesse aspeto, as plataformas digitais oferecem um espaço seguro para experimentar novas identidades e expressar sentimentos e opiniões, que podem ou não ser expressados na vida *offline*,

“É um espaço de construção dos sujeitos. Um local onde aqueles que se identificam unem-se sob a perspectiva do pertencimento. Pertencer a uma determinada comunidade virtual é compartilhar um mesmo território, os mesmos sentimentos e impressões. É exibir-se da forma que se achar mais conveniente, carregando consigo a segurança de ter ao lado várias outras pessoas que pensam da mesma forma e que assim reforçam o ideal de grupo.” (Nóbrega, 2010, p.97)

Além disso, as comunidades virtuais desempenham um papel essencial no processo da formação da identidade. “Escolhas são aquelas que pessoas com interesses e visões em comum fazem ao unir-se a determinados grupos para adquirir um senso de identidade” (Silveira, 2004, p.49). É importante perceber que,

“Ao fazer parte um grupo virtual pode haver uma influência na identidade já construída até o momento, para uma identidade conexa e múltipla de experiências vividas no ambiente virtual. Quando o indivíduo modifica a sua subjetividade, as experiências vividas na sociedade virtual podem ter influenciado a pessoa a mudar a sua forma de pensar provocando efeitos na sua subjetividade, como no seu imaginário”. (Águita et al., 2020, p.8)

Os grupos online reúnem pessoas com interesses, valores ou experiências semelhantes, proporcionando um ambiente de apoio e compreensão mútua. De acordo com Corrêa (2019), dentro da comunidade virtual, é o indivíduo que escolhe com quem se quer identificar, procurando aqueles com quem pode partilhar livremente as suas ideias, inclusive debatê-las. É esse interesse em comum que promove o sentimento de pertença, podendo resultar numa comunidade. A autora ressalta que,

“para que o sentimento de comunhão se propague, é necessário que haja partilha de saberes, de conhecimento, de opiniões que podem até mesmo ser divergentes, uma vez que no interior da comunidade, os participantes podem e devem ter opiniões contraditórias e conflitantes, que é uma forma saudável de verificar o grau de tolerância entre os membros. Além disso, a existência de ideias conflitantes pode resultar na elaboração de novos saberes, construídos a partir de debates e discussões.” (Corrêa, 2019, p.8).

Outro aspeto importante, que deve ser mencionado, foi a ideia reforçada pela noção de desencaixe de Giddens (1991) “quando indivíduos sem referência procuram aproximar-se de pessoas com interesses comuns, independentemente do tempo, do espaço e da localização geográfica, é mais um fator que impulsiona a formação de comunidades virtuais”. “Diante desse cenário, o indivíduo desprovido de referências procura inserir-se com os seus pares, tal

prática parece ter sido intensificada com a presença das redes, que aproximam os indivíduos e possibilitam o surgimento de novas formas de relações sociais” (Corrêa, 2019, pp.2-3).

Dentro dessas comunidades, os indivíduos encontram validação e aceitação para as diferentes facetas das suas identidades, podendo resultar em relações significativas e duradouras. Silverstone (2002) afirma que, dependemos do digital “não apenas para lazer, entretenimento e informações, mas também para obtermos uma sensação de conforto e segurança capazes de criar um sentido na nossa existência cotidiana”. No entanto, é importante reconhecer que nem todas as identidades nas redes sociais são autênticas. “Nas comunidades, o indivíduo realiza o sonho de ser tudo aquilo que almeja para si ou pelo menos tem a oportunidade de propagar um discurso em que se coloca como tal” (Nóbrega, 2010, p.100).

O anonimato e a facilidade de criar personas falsas também pode levar à manipulação e à propagação de informações enganosas. Por exemplo, segundo Águita et al. (2020), através das imagens partilhadas nas redes o indivíduo tende a inspirar-se no que viu, desta forma, mesmo que inconscientemente, pode constituir-se como outro sujeito, artificializado a percepção de outros, fortalecendo a ideia de uma ilusão. Nas palavras de Nóbrega,

“Essa fluidez das identidades vem refletindo diretamente nas redes sociais e mais especificamente no que tange a respeito da construção identitária em meios virtuais onde se pode notar uma desordem de representações de identidade, já que por se tratar de um espaço virtual, o perfil criado pelo usuário muitas vezes foge do que é real, e torna-se um espaço dedicado às suas fantasias e desejos, publicizando um “eu” imaginário. O que é dividido nesse espaço é construído cuidadosamente pensando nos julgamentos que serão feitos daquele conteúdo, ou seja, a divulgação de algo que está sendo feito por alguém, tende a sugerir quem ele é. Dessa forma, manipulando os conteúdos que serão compartilhados nas suas redes sociais, o sujeito procura moldar a imagem de si próprio, a imagem que será vista por todos.” (Nóbrega, 2010, como citado por, Pereira et al., 2022, p.592)

A construção do “Eu” no espaço digital é bastante complexo, principalmente quando existem tantas diferenças, contudo é também na diferença perante o outro que desenvolvemos

o nosso eu. De acordo com Nóbrega (2010, p.97), “a forma de se projetar a imagem na rede pode ser caracterizada como dramática, na medida em que é uma espécie de processo teatral de representação”. As redes sociais são espaços abstratos em que são estabelecidos laços afetivos e representações, contudo, a ausência de contato físico não implica uma ausência de contacto emocional e cognitivo, ainda que mediados pelo computador” (Silveira, 2004, p.48).

O que importa entender é que os sujeitos servem-se das redes sociais e, conseqüentemente, dos seus espaços virtuais, grupos ou comunidades para construir a sua identidade. “Tal construção, ainda que seja uma convenção, revela-se uma convenção socialmente necessária. Desta forma, as redes sociais tornam-se espaços para a vivência e a publicitação de subjetividades” (Nóbrega, 2010, pp.100-101).

III. A Pandemia Covid-19

Antes de avançarmos para o próximo tópico é imperativo entender os impactos causados pela pandemia Covid-19, principalmente no que diz respeito à forma como se vive depois de tanto tempo a evitar o contacto humano.

A pandemia emergiu como um dos desafios mais significativos e abrangentes enfrentados pela sociedade contemporânea, esta crise de saúde pública foi declarada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em março de 2020 e afetou profundamente todos os aspectos da vida humana.

O distanciamento físico necessário para conter a propagação do vírus, levou a um aumento significativo da solidão, dos níveis de ansiedade e, sem dúvida, aumento dos casos de depressão. As restrições nas viagens e as medidas de isolamento separaram as famílias e as comunidades, os eventos sociais foram cancelados e, mais tarde, alguns foram adaptados para o formato virtual. A incerteza em torno da pandemia e as suas conseqüências a longo prazo contribuíram fortemente para um sentimento generalizado de stress.

A educação também foi drasticamente afetada. Escolas e Universidades foram forçadas a suspender todas as atividades, resultando no surgimento do ensino à distância.

Apesar destes desafios, surgiram alguns aspectos positivos no mundo pós-pandemia. Os avanços da tecnologia facilitaram o trabalho remoto e as oportunidades de aprendizagem,

como nunca. Também as novas possibilidades para acordos de trabalhos flexíveis em diversos setores, além disso as comunidades uniram-se e promoveram um sentimento de resiliência que transcendeu as fronteiras geográficas. No entanto, um aspeto bastante relevante tem que ver com as gerações mais novas, que são o foco das consequências desta crise. Estes jovens enfrentaram perturbações no sistema educativo e alterações nas interações sociais, entre outros aspetos. Por isso, o seu futuro será, inevitavelmente, moldado por este acontecimento sem precedentes.

Para este estudo é importante abordar a questão pandémica na medida em que, a crise deu-se quando uma parte destes jovens ainda eram crianças. Durante esse período continuaram a crescer e a desenvolver, deixando a seguinte questão: de que forma enfrentam o mundo hoje?

Será natural viver no mundo real de mão dada com a sua representação online, a sua identidade desenvolve-se não apenas no ambiente físico como no digital. Os estímulos são imensos, assim como as oportunidades de conversação, de procura pelo mesmo ideal, o encontro com o mundo a partir da sua “casa”. As redes sociais têm hoje uma dimensão muito grande, estas assumiram o papel de educadoras na formação dos jovens.

III.1. As práticas digitais após a pandemia

Como já mencionado, a pandemia deixou marcas profundas na história da humanidade, resta perceber a nível das práticas digitais, quais foram as consequências que este fenómeno global provocou?

Antes do período pandémico o meio digital já era vivido de uma forma muito frenética, mas o mundo parou, não havia contacto presencial, as redes sociais e outras plataformas digitais foram a única forma de interação entre as pessoas.

Quando o cenário é este, como é que ficam as relações humanas, o contacto, a partilha, o próprio dia a dia? Tudo o que se conheceu até ali ficou em suspenso e foi o espaço digital, que permitiu um novo panorama. As novas práticas digitais são constituídas por novas identidades, por comunidades virtuais e pelo contacto *on/off*.

As relações humanas foram muito afetadas, Silva & Silva (2017), comenta que uma nova forma de reunir a família surgiu, as conversas são curtas, o envolvimento é colocado de

lado, as partilhas são sobretudo conteúdos compartilhados nas redes sociais, a atenção é mais superficial. Neste contexto, “quando não há uma boa relação familiar as redes sociais podem representar um escape a essa carência” (Águita et al., 2020, p.5).

A alienação do sujeito, também se apresenta como uma consequência, a forma como as pessoas conseguem viver uma ilusão “referente aos sentidos e os sentimentos que as vivências adquirem para estes (...) a qual acarreta um desprendimento da fantasia e da imaginação e camufla” (Rosa & Santos 2015, p. 919). Assim como, “quanto mais a vida social é mediada pelo digital, mais as identidades se tornam desvinculadas de lugares, tempos, histórias, e tradições e há assim, uma “homogeneização cultural” (Wonsoski & Domingues, 2015, como citado por Pereira et al., 2022, p.595-96).

Não obstante, estas novas práticas incidem muito sobre as redes sociais, tendo em conta que foram o único espaço de socialização entre as pessoas durante o período de isolamento social. Segundo Turkle (1989), as redes sociais ganharam ainda mais espaço, como resultado, enfrentamos agora um cenário onde as pessoas “se apropriam dos recursos e dispositivos existentes na Internet, sobretudo nas redes sociais, para elaborar uma suposta recriação de si mesmas nesses ambientes”.

Esta é uma forma dos indivíduos procurarem um sentimento de pertença num lugar que se pensa sem julgamentos e livres de escolherem quem querem ser. Para Nóbrega (2010, p.98), a situação não é tão linear, por isso, explica que o indivíduo vive a ilusão de que ao participar numa determinada rede está a representar-se como algo original, quando na verdade o que está a acontecer é a perda da sua individualidade. Maffesoli (1998) reforça a questão ao dizer que “com a necessidade de identificação com o grupo, há um descolamento do próprio ego em nome do ego da comunidade. A isso chama-se tribalismo pós-moderno”.

O biógrafo Michel Maffesoli (1998), desenvolveu o conceito tribalismo pós-moderno para descrever um mundo no qual as grandes estruturas da modernidade são substituídas por pequenas comunidades baseadas nas afinidades emocionais e culturais. Este fenómeno reflete uma mudança significativa na forma como as pessoas procuram pertencer e significar na era contemporânea. As tribos pós-modernas destacam a importância das emoções e das experiências vividas, possibilitando uma nova forma de compreensão das dinâmicas sociais atuais.

Por fim, Hall (2011) “apresenta a identidade do sujeito pós-moderno, como uma identidade fragmentada onde o indivíduo assume várias identidades”. Consequentemente, Águita et al. (2020), explica que o desejo de ter uma identidade diferente da sua realidade, o impulso narcisista, tentar enquadrar na norma padrão das redes sociais, mas o que realmente somos, não é verdadeiramente experienciando, resulta numa enorme despersonalização.

Langaro & Benetti (2014) afirmam que surge assim uma sociedade que tende à desvinculação, “à constituição de egos frágeis, extremamente dependentes do investimento do outro, condição até mesmo das suas existências”.

III.2. Efeitos das interações virtuais

Assunção & Matos (2014) afirmam que, inevitavelmente, o avanço da tecnologia provocou diversas alterações no quotidiano, tanto a nível social como psicológico.

As interações virtuais são cada vez mais presentes na vida quotidiana da sociedade contemporânea, influenciado diversos aspetos do comportamento, comunicação e relacionamentos do ser humano, como já mencionado até aqui. Embora tragam vários benefícios, como a conectividade a nível global ou o acesso rápido à informação, também existem uma série de efeitos negativos,

A Era digital também apresenta diversos desafios e preocupações. A crescente dependência da tecnologia pode levantar questões como a privacidade dos dados, a apropriação e divulgação de informações pessoais e a segurança cibernética. Outra questão tem a ver com as tarefas realizadas pelo ser humano, devido à rápida automação das mesmas, o futuro do trabalho e a necessidade de requalificação profissional são colocadas em causa. Tendo em conta o cenário atual, é imperativo que a sociedade contemporânea saiba equilibrar os benefícios da tecnologia digital com os desafios que a mesma apresenta. Isso requer uma reflexão cuidadosa sobre a forma como podemos retirar o máximo partido oferecido pela era digital, enquanto mitigamos os seus possíveis impactos negativos.

Um dos impactos mais evidentes das interações virtuais é a transformação na forma como nos comunicamos. Plataformas digitais, como as redes sociais, aplicações para troca de mensagens ou espaços de troca de ideias online alteraram profundamente a maneira como

interagimos com o outro, muitas vezes substituímos a interação presencial por interações online, que em algumas ocasiões se revelam mais práticas.

Por outro lado, as interações virtuais promovem a inclusão e a diversidade. Através da internet, indivíduos de diferentes origens geográficas, culturais, e sociais podem conectar-se e partilhar experiências, ideias ou perspectivas. Isso pode levar a uma melhor compreensão intercultural e à criação de comunidades online baseadas em interesses comuns, que de outra forma seria difícil de se encontrarem no mundo físico,

“A capacidade de nos conectarmos a pessoas com os mesmos interesses de todo o mundo levou à formação de comunidades que transcendem as fronteiras geográficas. Também permitiu que os indivíduos explorassem diferentes aspetos das suas identidades, quer se trate dos seus passatempos, interesses ou opiniões. Contudo, a proliferação de identidades digitais também originou preocupações com a autenticidade. Muitas vezes, é difícil discernir se uma persona representa o verdadeiro eu de um indivíduo ou se poderá ser uma versão cuidadosamente selecionada de si mesmo. Esta ambiguidade pode levar a problemas de confiança e minar a credibilidade das interações online”. (Amante et al., 2014, p.3)

A autora refere também que “a pressão para apresentar uma determinada imagem também pode levar à criação de uma identidade não autêntica, conduzindo a sentimentos de inadequação e ansiedade” (Amante et al., 2014, p.3).

As redes apresentam-se como sedutoras, um espaço onde se pode mostrar apenas o lado bom, maravilhoso e sem problemas. Isso faz com que os usuários procurem essa “felicidade”, esse *status quo*, que em alguns casos não se verifica e torna as redes sociais artificiais e ilusórias. Alguns transtornos podem surgir como consequência dessa ilusão, tais como: depressão, anorexia, bulimia, consumismo, doenças psicossomáticas, síndrome do pânico têm sido associadas ao quadro das novas patologias, as quais evidenciam dimensões desagregadoras da cultura contemporânea (Langaro & Benetti 2014 p. 199, como citado em Águita et al.,2020, p.10). Lasch (1979, como citado por Águita et al., 2020, pp.11-12) refletem sobre o tema, referindo que “as redes sociais permitem que haja uma identificação

e reconhecimento de si próprio, assim pode considerar que se não há uma aceitação da sua própria identidade certo que irá haver sofrimento psíquico”.

Esta mudança na dinâmica da comunicação pode influenciar a qualidade e a profundidade dos relacionamentos interpessoais, tornando-os mais superficiais e menos empáticos. “O uso excessivo das redes sociais tem o potencial de gerar conflitos familiares, as relações tornam-se cada vez menos pessoais, podendo levar ao distanciamento entre a família” (Águita et al., 2020, p.12). De acordo com Silva & Silva (2017) o distanciamento no convívio familiar pode alterar fortemente a relação de pais para filhos, por exemplo. Uma realidade em que ambos estão em mundos diferentes pode acontecer.

A pandemia veio evidenciar isso mesmo, é mais prático marcar uma reunião online do que presencialmente, assim como trabalhar através do teletrabalho, que não acarreta custos de deslocação ou de alimentação para o trabalhador ou para a empresa. Por isso, assiste-se, cada vez mais, a uma aposta no regime de trabalho híbrido ou nos quatro dias de trabalho semanais. É possível utilizar a tecnologia a nosso favor, para além de facilitar o dia a dia pode também melhorar a qualidade de vida.

Em relação a obstáculos, as interações virtuais também podem contribuir para a questão do isolamento social. Embora as tecnologias proporcionem uma sensação de conexão com os outros, especialmente em momentos de distância física, também podem levar à alienação e à falta de conexão com o mundo real. O uso excessivo de dispositivos eletrónicos e plataformas digitais pode resultar numa desconexão com o ambiente físico e com as relações interpessoais presenciais. O uso da internet está associado a um comportamento de procura do bem-estar e sentimentos prazerosos. “A dependência da internet pode ser considerada um transtorno que afeta a qualidade de vida, as relações sociais, podendo provocar intolerância e sintomas de abstinência” (Moromizato et al., 2017, p. 501).

Fonseca et al (2018) o uso frequente das redes pode trazer à vida de cada indivíduo algumas interferências negativas, como por exemplo ficar vulnerável por não ter contacto físico e não sentir afeto pelas pessoas, podendo resultar em problemas de ansiedade, solidão e depressão (Águita et al.,2020, p.10). Assuntos como a autoestima e o autoconhecimento também estão relacionados com o uso excessivo das redes. “O mau uso da internet e/ou redes sociais pode provocar nos seus utilizadores a presença de sintomas de ansiedade e depressão

ou os sintomas podem estar presentes e o uso do meio digital representa somente um mecanismo de compensação” (Moromizato et al, 2017, p. 501).

As interações virtuais também desempenham um papel importante no acesso à informação e empoderamento individual. A internet oferece uma vasta gama de recursos educacionais, oportunidades de aprender e ferramentas de desenvolvimento pessoal, permitindo expandir conhecimento de uma maneira mais acessível e conveniente.

Posto isto, é necessário perceber que as interações virtuais representam uma série de efeitos complexos na sociedade contemporânea. Embora os seus benefícios sejam significativos, os seus desafios, como a superficialidade das relações interpessoais e o isolamento social, como já mencionado, devem ser observados de perto e tidos em conta. Portanto, é muito importante que os indivíduos saibam fazer o uso das tecnologias de forma consciente e equilibrada, deve procurar-se sempre um termo saudável entre a vida online e offline,

“A gestão entre o mundo online e o offline deve ser feita da forma mais harmoniosa possível, pois esta organização revela-se uma nova e indispensável competência da era digital. Esta caracteriza-se pela integração das tecnologias no quotidiano do indivíduo de tal modo que o real e o virtual estão ligados e partilhados em rede, numa sociedade que poderemos designar de hipersocial”. (Amante, 2013, como citado por Amante et al., 2014, p.3)

Segundo Rheingold, (2003), a representação online também deve ser um assunto mencionado, pois os seus impactos são bastante significativos a nível psicológico e social. A forma como nos representamos e interagimos na internet pode ter consequências profundas na vida pessoal e nas relações sociais entre os seres humanos. “Muitas vezes, as pessoas tendem a agir de forma despreocupada e mais impulsiva nas plataformas digitais, devido ao “anonimato” e à falta de consequências imediatas para as ações praticadas” (Rheingold, 2003).

Nesse sentido, é importante ter em atenção para aquilo a que Howard Rheingold, denomina de “câmaras eco”. Explica que são “as bolhas ideológicas em que as pessoas se isolam e onde só estão expostas a opiniões e perspetivas

semelhantes às suas” (Rheingold, 2003). Esta situação pode levar ao reforço dos estereótipos, polarização e falta de diálogo construtivo.

Do ponto de vista dos efeitos psicológicos Papacharissi (2011) argumenta que, “a procura da validação social e o desejo de ser perfeito pode levar à distorção na representação de identidade, o que poderá resultar em sentimentos de inadequação e ansiedade”. No âmbito social, a autora enfatiza a forma como as plataformas online impactam a esfera pública, a participação política e a opinião pública. Deste modo, é possível entender que a disseminação de informações, as interações nas redes sociais e os algoritmos moldam o debate público e influenciam fortemente a polarização política.

Enquanto as redes sociais oferecem um espaço para a expressão individual, também é crucial cultivar um senso de responsabilidade e discernimento ao interagir online. Em suma, o surgimento de novas identidades nas redes é um reflexo da complexidade da natureza humana e a busca contínua por conexão e preenchimento. À medida que exploramos as vastas comunidades virtuais é fundamental, lembrar que, as nossas identidades online são apenas uma parte do que somos, e que a autenticidade e o respeito mútuo devem ser os pilares que sustentam as nossas interações digitais.

IV. Metodologia

Neste capítulo, serão detalhadas as metodologias quantitativa e qualitativa utilizadas na presente investigação. A escolha destas abordagens metodológicas visa proporcionar uma compreensão abrangente e aprofundada do fenómeno em estudo, permitindo uma análise multifacetada e rigorosa dos dados recolhidos.

A metodologia quantitativa é fundamentada na análise de dados numéricos, possibilitando a quantificação de variáveis e a aplicação de técnicas estatísticas para aferir padrões e relações entre estas variáveis. Os autores Quivy & Campenhoudt (2005), defendem que o questionário serve para compreender a forma como os inquiridos encaram uma determinada realidade, seja esta concreta. Neste estudo, a abordagem quantitativa está

empregue para recolher dados de uma amostra representativa da população alvo, através de um questionário estruturado.

No que diz respeito à operacionalização do questionário, Kotler & Keller (2007) recomendam que, aquando da realização do questionário deve-se pensar e escrever cuidadosamente as questões, assim como o seu formato, o tipo de linguagem a ser utilizado, bem como organizar a ordem pela qual as perguntas estão expostas. Outra questão para que estes autores alertam é, para ter em atenção a forma como as perguntas são colocadas, na medida em que pode influenciar o sentido da resposta. Seguindo essas recomendações o questionário foi desenvolvido na plataforma Google Forms, composto por 11 perguntas de escolha múltipla e escalas de *likert* e 3 perguntas de resposta aberta.

De forma a obter um feedback relativo ao questionário na sua forma, estrutura e conteúdo, foi realizado um pré-teste a 3 pessoas. Segundo Malhotra (2015) e McDaniel & Gates (2015), a realização deste pré-teste é fulcral para que o estudo seja realizado com sucesso, pois deve evitar-se o desperdício de tempo dos inquiridos ao partilhar um questionário que apresente problemas estruturais. Por isso, após a realização do pré-teste, o questionário foi alvo de algumas alterações de acordo com as sugestões recebidas. O questionário final aplicado é apresentado em anexo.

Este questionário foi partilhado diretamente com os professores de cada turma, por via eletrónica e, posteriormente, distribuído aos participantes, de modo a garantir uma maior eficácia na recolha e processamento de dados.

Depois de aplicado o inquérito por questionário, para realizar o tratamento dos dados e a leitura dos resultados, foi necessário recorrer ao uso do software Microsoft Excel, ferramenta que permite realização de análises estatísticas.

A metodologia qualitativa procura compreender, de forma aprofundada dos significados, perceções e experiências dos participantes, permitindo uma análise contextualizada e interpretativa dos dados recolhidos. “Diferentemente da pesquisa quantitativa, a qualitativa procura compreender de forma particular aquilo que estuda; não se preocupa com generalizações, princípios e leis. É centralizada no peculiar, através da compreensão da explicação dos fenómenos em estudo” (Nogueira-Martins & Bógus, 2004).

Neste estudo, a abordagem qualitativa será empregue para explorar em profundidade as perceções e opiniões dos participantes sobre o fenómeno em investigação. Desta maneira,

será possível salientar nova informação sobre a investigação que não foi clarificada através da análise quantitativa.

Os dados qualitativos serão recolhidos através de uma entrevista estruturada, conduzida de forma individual e aplicada aos alunos também individualmente, as mesmas foram gravadas para posterior transcrição e análise. As entrevistas foram guiadas por um conjunto de perguntas previamente definidas, permitindo uma abordagem flexível e uma exploração em profundidade das perceções e experiências dos participantes.

A análise dos dados qualitativos será realizada de forma indutiva, através de uma abordagem de análise de conteúdo. As transcrições serão categorizadas, identificando padrões, temas e subtemas emergentes. Será dada especial atenção à triangulação dos dados, comparando e contrastando os resultados qualitativos com os dados quantitativos.

A combinação da metodologia quantitativa e qualitativa permitirá uma análise abrangente e aprofundada do fenómeno em estudo, proporcionando uma compreensão mais completa e contextualizada dos resultados. A utilização de diferentes abordagens metodológicas enriquecerá a validade e fiabilidade dos resultados obtidos, contribuindo para uma investigação sólida e significativa.

IV.1. População-alvo e estudo da amostra

Já ultrapassada a fase de definição do tipo de estudo, a seleção da população-alvo, da amostra e participantes é uma fase fulcral, na medida em que influencia os resultados obtidos nas fases seguintes do processo de investigação. De acordo com Malhotra (2006), o processo de amostragem deve ser dividido em cinco fases: num primeiro momento deve-se definir a população-alvo, depois determinar a estrutura de amostragem, segue-se a escolha das técnicas de amostragem, a determinação do tamanho da amostra e, por fim, a execução do processo de amostragem.

Deste modo, a população-alvo desta investigação são os alunos das turmas do 10º, 11º e 12º anos da escola secundária João de Deus, em Faro. Foram consideradas características como o género e a classe dos participantes, garantindo um universo representativo da amostra. Deste modo, foi adotada a amostragem por conveniência, uma vez que esta técnica facilita a recolha de dados e o acesso aos possíveis inquiridos. “Esta técnica tem vantagens como a rapidez e o facto de ser de fácil condução, no entanto é importante

ressalvar as suas limitações, tendo em conta que não é representativa da população-alvo” (Malhotra, 2006).

IV.2. Objetivos e desafios

Tendo este contexto em conta, a presente dissertação pretende aferir, de que forma é que o espaço digital pode estar a influenciar o processo de construção de identidade dos jovens após a pandemia mundial. Deste modo, pretende-se investigar a problemática através da influência das redes sociais, mais recentes, como o *Instagram* e o *TikTok*, e compreender como é que podem moldar a forma como os estudantes se percebem e são percebidos, dentro e fora do contexto digital.

Assim, de modo a orientar a investigação e, simultaneamente, para recolher as perspetivas de cada aluno optei por criar um questionário, como já mencionado. Depois o mesmo foi partilhado com os professores de cada turma e, posteriormente, com os alunos. Seguidamente, passei à segunda fase de recolha de dados e desenvolvi um guião de entrevista, para em contacto direto com os alunos perceber as suas opiniões e pensamentos sobre o tema em estudo. Por outro lado, pretendia completar os dados recolhidos do questionário através de uma entrevista estruturada, no fundo quere-se encontrar assuntos que ficaram por explorar e abordá-los nesta nova análise.

Apesar da intenção de recolher o maior número de testemunhos possível com uma amostra diversificada, tal não foi possível. Isto porque, o calendário escolar da Escola Secundária João de Deus em Faro, não permitiu que vários alunos conseguissem estar presentes nos momentos de recolha de dados, sendo por isso impossível conciliar alguns horários e tal refletiu-se na representatividade da amostra. Esta situação – ainda que justifique- acabou por dificultar a obtenção daquilo que era inicialmente pretendido.

V. Resultados e discussão

Num primeiro momento, serão abordados os resultados obtidos através da análise quantitativa. A população-alvo do presente estudo é constituída pelo universo de participantes das turmas de 10º, 11º e 12º ano da Escola Secundária João de Deus (Faro), sendo que o número de inquiridos corresponde a um total de 112 (cento e doze) participantes, todas as respostas foram consideradas válidas e relevantes para este estudo.

Na segunda fase, serão abordados os resultados obtidos através da análise qualitativa. A amostra das entrevistas é constituída pelo universo de participantes dos alunos entre os 15 e os 19 anos de turmas do 10º, 11º e 12º ano da Escola Secundária João de Deus (Faro). O número de inquiridos corresponde a um total de 37 (trinta e sete) alunos, todas as respostas foram consideradas válidas e relevantes para este estudo

V.1. Descrição dos Dados Quantitativos

A maior parte dos participantes do questionário é do sexo masculino (60%), em claro contraste com os participantes do género feminino (40%). Relativamente à idade dos inquiridos estas variam entre os 15 e os 18 anos de idade, sendo que se verifica uma maior percentagem de respostas nas idades compreendidas entre os 16 e os 17 anos (68%).

A participação de todos os inquiridos foi feita de modo voluntário e não tem sido dado qualquer tipo de incentivo para incentivar à participação neste inquérito. Poderá ser visualizada a caracterização da amostra [aqui](#).

O questionário foi dividido em duas partes. Na primeira parte foram colocadas perguntas relacionadas com a formação de identidades e, na segunda parte, questões relacionadas com o impacto da pandemia mundial (COVID-19).

Após a caracterização da amostra, segue-se a primeira pergunta do questionário: “Seleciona os conceitos com o quais estás familiarizado: autorrepresentação online, processos de sociabilização, autoestima, autoimagem, efeitos psicológicos, interação virtual e identidade pessoal”. De uma forma geral, todos os conceitos são conhecidos pelos respondentes, embora os conceitos de autoestima, interação virtual, identidade pessoal e efeitos psicológicos são os que mais se destacam entre as respostas, como é possível verificar através do gráfico 1, [aqui](#).

Sobre a segunda pergunta, que incide na utilização das redes sociais Instagram e *TikTok*, podemos concluir que a grande maioria, que corresponde a uma percentagem de 88% dos inquiridos, considera que é ativo nas redes. Apenas 13% da amostra afirma não ser ativo em nenhuma das redes consideradas, como pode ser observado no gráfico 2, [aqui](#).

A terceira pergunta desta parte incide sobre a quantidade de horas diárias, em média, que os respondentes dispensam para estar nas redes sociais, como pode ser observado no gráfico 3, [aqui](#).

É de salientar que a grande maioria (57%) afirma que passa entre 2 e 3 horas nas redes sociais por dia, já 31% admite passar mais de 4 horas diárias. Apenas 12% dos participantes consome 1 hora do seu dia nas redes sociais.

Segue-se a quarta pergunta do questionário: “Com que finalidade utilizas as redes?”, à qual os alunos poderiam escolher mais do que uma destas quatro opções: entretenimento, informação, educação e/ou trabalho. De um modo geral, a resposta “entretenimento” foi a mais votada, segue-se “informação”, “trabalho” e “educação”. Desta forma, podemos concluir que a maioria dos alunos prefere utilizar as redes sociais como fonte de entretenimento e de informação, como é possível verificar através do gráfico 4, [aqui](#).

A pergunta seguinte foca-se nas escolhas de estilo de vida, hobbies e interesses e perceber se as redes sociais podem afetar algum destes campos. De acordo com as respostas, 46% dos inquiridos concorda e concorda totalmente em como as redes sociais afetam as nossas escolhas, enquanto 32% discorda parcialmente e 22% discorda totalmente, como é possível comprovar no gráfico 5, [aqui](#).

Já no que diz respeito ao uso das redes sociais como agentes influenciadores da vida social e das relações interpessoais é possível verificar, através do gráfico 6 ([aqui](#)), que a grande maioria dos participantes (81%) discorda totalmente e discorda parcialmente e apenas 19% considera que, as redes sociais podem afetar as suas relações interpessoais e vida social.

No seguimento da pergunta anterior, foi colocada uma questão relacionada com o perfil online e se este reflete a mesma pessoa na vida real?

Para a maioria dos inquiridos (53%) o perfil online não reflete quem são no espaço offline, no entanto, 47% dos alunos concordou em como o seu perfil é uma reflexão autêntica de quem são, como se pode verificar no gráfico 7, [aqui](#).

Ainda no âmbito da influência das redes sociais, foi questionado se as redes sociais podem influenciar a autoestima? As opiniões parecem divididas entre os alunos, por isso,

19% concorda totalmente, 34% concorda, 28% discorda parcialmente e 20% discorda totalmente. Tal se pode verificar no gráfico 8, [aqui](#).

Para terminar a primeira parte do questionário, foi perguntado aos respondentes o seguinte: Atualmente, o acesso ao espaço online é visto como um mundo infinito de possibilidades. Acreditas que é cada vez mais difícil saber com quem ou com o que é que te identificas, ou é cada vez mais fácil graças às redes sociais? Dá a tua opinião.

Entre os alunos 37% das respostas incide sobre o facto de hoje em dia sentirem que é cada vez mais difícil saber com quem ou com o que se identificam. Não muito longe da percentagem anterior, 34% dos estudantes admitem que é mais fácil saber quem são e saber com o que se identificam.

Sendo que se trata de uma pergunta cuja resposta é aberta, os alunos manifestaram as suas opiniões, referindo algumas razões pelas quais consideram ser mais fácil saber quem são e com o que se identificam, nos dias de hoje: “penso que é cada vez mais fácil, pela variedade de conteúdo que temos acesso nas redes. Conseguindo assim obter diversas informações, facilitando escolhas e identificações.”; “a imensa variedade que existe nas redes sociais, permite-nos estar em contacto com outros conteúdos que nos permitem conhecer mais.”; “é possível ter diferentes perspetivas, nesse aspeto o espaço online ajuda-nos melhor a desenvolver a nossa identidade.”; “a exposição às redes sociais facilita a compreensão da nossa própria identidade, uma vez que ao sermos expostos a diferentes tipos de hobbies, passatempos, entre outros, apercebemo-nos quais os nossos gostos e os nossos interesses”. Nesta questão, 29% dos alunos não demonstrou ter uma opinião sobre o tema, como se pode verificar através da tabela 1, [aqui](#).

Posteriormente, passa-se à 2ª parte do questionário, denominada de “Impacto da Pandemia Mundial (Covid-19)”. Sobre a primeira pergunta, que incide na contribuição das redes sociais para manter ou estabelecer conexões durante o período de distanciamento social, podemos concluir que a grande maioria da amostra (92%) concorda e concorda totalmente com a contribuição das redes sociais para a aproximação digital entre as pessoas, apenas 8% dos inquiridos discorda desta afirmação, como pode ser observado no gráfico 9, [aqui](#).

A segunda pergunta desta parte incide sobre o possível aumento dos níveis de stress, ansiedade e/ou solidão após o regresso à rotina “normal”. É de salientar que, a grande maioria (68%) concorda que as consequências acima mencionadas aumentaram e são notórias. Por sua vez, apenas 32% dos respondentes não concorda com o aumento dos níveis de stress, ansiedade e/ou solidão, como pode ser observado no gráfico 10, [aqui](#).

Passando à segunda pergunta de resposta aberta deste questionário, os alunos demonstraram a sua opinião relativamente à seguinte questão: “A pandemia mudou a tua perceção sobre o uso das redes sociais de alguma forma? Se sim, como?”. Metade dos inquiridos (50%) refere que, a sua perceção sobre as redes sociais não sofreu alguma alteração, para estes alunos trata-se apenas de um espaço online que serve para entreter ou comunicar. Para 38% dos estudantes, a sua perceção em relação às redes sociais sofreu algumas alterações, tais como: “Sinto que fiquei mais dependente das redes sociais, principalmente porque passava o dia inteiro em contacto com o meio digital, como forma de combater a solidão do momento.”; “após o uso excessivo durante a quarentena, percebi que as redes sociais estavam a ocupar demasiado os meus dias, por isso procurei viver mais a vida real e aprender a desligar da minha vida online um pouco.”; “sinto que a minha perceção das redes sociais mudou completamente, deixou de ser apenas um espaço para me entreter, passou a ser a minha rotina, ir ao Instagram, por exemplo, é uma tarefa do meu dia”. “Percebi que as redes são uma ferramenta muito útil e que dá para fazer e explorar muito mais, para além daquilo que eu pensava. Tem sido muito interessante, explorar as diversas vertentes das redes sociais.”; “entendi que posso utilizar as redes sociais como fonte de informação e educação.”; “são um espaço infinito de possibilidades e informação sobre todas as áreas.”; “após a pandemia, foi possível verificar que há uma grande percentagem de pessoas que criaram uma ansiedade social, muitas não sabem conviver entre si.”; “considero que, as redes contribuíram fortemente para a minha autoestima, hoje percebo que me deixou mais insegura.”; “mudou totalmente, agora vejo nas redes sociais oportunidades de criar trabalho e usá-las como fonte de rendimento.”; “após a pandemia, consegui perceber o quão perigosas podem ser.”; “Sim, foi um polo de globalização num tempo de zero contacto e sem elas não teria recebido o conhecimento e entretenimento que obtive nesse período.”; “sobretudo, consigo ver que acabou por criar uma certa dependência em todos nós”. Todas as informações aqui registadas, podem ser verificadas através da tabela 1, [aqui](#).

A pergunta seguinte foca-se no impacto da pandemia no desenvolvimento pessoal. Assim, é possível afirmar que mais de metade da amostra (53%) concorda e concorda totalmente que a pandemia teve um impacto positivo no seu desenvolvimento. As restantes respostas (46%) registam o contrário, os alunos admitem um impacto negativo no seu desenvolvimento devido à pandemia, como se pode verificar no gráfico 11, [aqui](#).

Por fim, a última pergunta do questionário debruça-se sobre a vida no espaço online, mais concretamente, se os estudantes consideram que “a vida acontece mais no mundo digital e as pessoas já não sabem como ficar offline?”. A esmagadora maioria (73%) admite que a vida acontece mais no espaço digital, em comparação com a vida real e as pessoas já não sabem manter-se desconectadas. Apenas 14% dos alunos considera o contrário e 13% não tinha uma opinião sobre o tema.

Esta também sendo uma questão de resposta aberta os respondentes escreveram as suas opiniões, afirmando que a maioria dos usuários das redes sociais não encontra na vida real a mesma satisfação da sua vida real. Assim como, reconhecem que a pandemia só veio acentuar esta dependência crónica em relação aos dispositivos tecnológicos e aos perfis online. Os alunos ainda salientam que para muitos é uma tarefa difícil estar afastado das redes sociais, é uma tarefa do seu dia que precisa de ser cumprida. A concentração ao longo do dia já não é a mesma, qualquer coisa que estejamos a fazer que envolva mais do que 30 minutos já nos aborrece ou não demonstramos interesse em realizar, principalmente entre os jovens.

Em contrapartida, alguns estudantes consideram que as pessoas também aprenderam a apreciar a vida “fora” do espaço digital, apesar dependentes do contacto através das redes sociais ou outras plataformas online, entende-se que as tecnologias são necessárias, mas não são vitais. Tal pode constatar-se através da tabela 1, [aqui](#).

V.2. Descrição dos Dados Qualitativos

Aquando da definição dos objetivos da investigação, foi criado um guião de perguntas focadas na recolha das perspetivas dos alunos, em relação ao tema apresentado. O processo de entrevista foi conduzido em duas fases.

Numa primeira fase, optou-se por realizar uma apresentação geral do tema, a cada turma, onde seria possível um momento de debate para entender algumas opiniões conjuntas

entre os alunos. Numa segunda fase, avançamos para o momento de entrevista individual, os alunos dirigiram-se para fora da sala para que as suas respostas não fossem influenciadas por opiniões exteriores.

Em primeiro lugar optou-se por fazer uma caracterização da pessoa entrevistada, seguindo-se algumas perguntas específicas sobre as redes sociais e o impacto das mesmas na vida dos jovens, como também questões relacionadas com o ambiente digital no contexto do período pandémico.

Importa ainda referir que, a opção de fazer entrevistas não foi uma decisão de forma aleatória. Segundo Quivy & Van Campenhoudt (2005, p. 71), “ao utilizar esta metodologia, é possível recolher testemunhos precisos e específicos sobre as perguntas de partida e, com isso, ter uma visão especializada e bem fundamentada sobre o tema em estudo”. Por isso, é um método de recolha de opiniões complementar ao questionário.

Chegados a esta fase, a escolha acabou pelas questões enunciadas [aqui](#). O guião de perguntas é composto por 23 questões, sendo que as primeiras são para compor a amostra e as outras perguntas, mais concretas, sobre o tema em estudo. A entrevista teve por base, como já foi referido, perguntas relacionadas com as redes sociais e a sua influência nos jovens a par com as consequências da pandemia mundial covid-19 (consultar [aqui](#) a tabela 2). A seguir, serão discutidos e expostos os resultados obtidos, procurando responder às perguntas de partida que orientam a investigação da presente dissertação.

Os entrevistados foram questionados sobre o seu nome, idade e ano de escolaridade. A maioria dos alunos (57%) pertence ao sexo masculino e 43% ao sexo feminino. Detêm, de uma forma geral, idades compreendidas entre os 17 e os 18 anos.

Após a caracterização da amostra, seguiu-se a pergunta: “Qual é a tua rede social favorita e porquê?” à qual os alunos responderam *Instagram*, *TikTok*, *Youtube*, *WhatsApp* e *Spotify*. A esmagadora maioria diz preferir o *Instagram* e o *TikTok*, mas ainda assim o *Instagram* revela-se a rede social de preferência entre os estudantes. Assumem que, é a rede social que mais utilizam para comunicar de forma mais direta com os seus amigos, o algoritmo também está mais organizado para os seus gostos, é uma app apelativa, dinâmica e com muito para explorar. É também através desta rede social que preferem publicar conteúdo como por exemplo, *stories*, *reels* ou fotografias.

Em contrapartida, o TikTok apresenta-se como a rede social preferida para passar o tempo, pois os vídeos são curtos, divertidos e em menos tempo visualizam mais conteúdos.

Posteriormente, os alunos foram questionados sobre a sua identidade e se consideram que “é algo estático ou que está em constante evolução?”, apenas dois entrevistados consideraram que as suas identidades são estáticas, todos os outros afirmam que a sua identidade faz parte de um processo evolutivo.

Seguidamente foi-lhes colocada a seguinte pergunta: “A utilização das redes sociais contribui para o desenvolvimento pessoal?”. É de salientar que a grande maioria afirma que o uso das redes sociais contribui para o seu desenvolvimento pessoal. Nesse sentido, há alunos que admitem ser uma contribuição positiva, apresentando as seguintes razões: “tenho acesso a outras perspetivas de vida...conheço mais e posso ambicionar outras coisas.”; “ganhamos mais conhecimento, conseguimos estar em contacto com mais pessoas”; “contribuem para a construção da nossa identidade.”; “procurar o lado bom desta influência é o que tento sempre fazer, porque queiramos ou não vamos desenvolver-nos juntamente com estes espaços digitais”.

Outros consideram uma contribuição tanto a nível positivo como negativo e justificam da seguinte maneira: “de uma forma positiva, como um ponto de informação e sinto-me mais conectado com o mundo através das redes. Como negativa, por exemplo, as *fake news*.”; “de uma forma positiva, são uma ferramenta muito útil para o dia a dia, ou de forma negativa, também me pode envolver num vórtex de conteúdo inútil.”; “de uma forma positiva, porque me permite saber e conhecer perspetivas diferentes de pessoas em todo o mundo. Por outro lado, também considero que pode ser negativo, na medida em que pode limitar o nosso desenvolvimento com o tempo que passamos nas redes sociais sem nenhum objetivo concreto.”.

Apenas quatro alunos consideram que, as redes sociais contribuem de forma negativa no seu desenvolvimento e cinco alunos não consideram que as redes sociais possam contribuir para o seu desenvolvimento pessoal.

A segunda parte, desta pergunta, incide sobre o impacto das redes sociais nas suas vidas pessoais. Uma parte dos alunos consideram que, as redes sociais não podem impactar a sua vida pessoal, justificando que: “para mim são apenas um espaço de entretenimento.”; e

“sinto que poderia viver bem sem ter acesso a qualquer rede social.”. Em contrapartida, 29 (vinte e nove) alunos admitem que as redes podem impactar as suas vidas, em diversos níveis tais como: “são uma grande parte do meu dia a dia.”; “porque utilizo as redes sociais como uma ferramenta de trabalho e divulgação, por isso sei que isso pode impactar a minha vida.”; “permitem-me aprender sobre diversos assuntos.”; “sinto sempre que estou a perder alguma coisa, as outras vidas parecem sempre maravilhosas.”; “permite-me manter o contacto com a minha família que vive longe.”; “se me deparo com uma notícia que me deixa feliz sei que ficarei bem disposto, se vejo algo que me deixa triste ou chateado isso irá refletir-se no meu dia”.

Seguidamente, ainda dentro do tema da influência das redes sociais, os estudantes responderam a mais duas questões: “As redes sociais podem afetar o teu bem-estar emocional? As tuas amizades ou os teus laços familiares, em algum momento são influenciados?”. A grande maioria dos alunos (73%) respondeu que as redes sociais podem afetar o seu bem-estar emocional. Para melhor compreender este impacto, os alunos explicam: “por exemplo, comentários negativos podem afetar-me e fazer-me sentir mais em baixo.”; “certos perfis online podem deixar-me ansioso para chegar aquele estilo de vida e isso pode deixar-me frustrado.”; “estamos sempre expostos a muitos conteúdos, inevitavelmente, poderá influenciar a forma como me faz sentir.”. Em relação à opinião dos outros alunos, 27% destes refletiram sobre o tema assumindo que: “não deixo que as redes sociais possam afetar o meu bem-estar emocional, porque mantenho sempre presente que são apenas um espaço virtual, não são a vida real.”.

Relativamente à segunda pergunta, 21 (vinte e um) alunos afirmaram que, as redes sociais não influenciam as suas amizades ou laços familiares, já dezasseis alunos dão bastante importância a esta influência, apontando motivos para os quais as redes sociais podem impactar as suas relações interpessoais: “para mim afeta, principalmente, os meus laços familiares, porque vivemos longe uns dos outros.”; “a nível das amizades permite-me conhecer pessoas novas e saber mais sobre cada um mais facilmente.”; “acredito que as minhas amizades possam ser influenciadas pelas redes sociais, porque possibilita continuarmos em contacto com os nossos amigos mesmo depois de estarmos juntos.”; “entre os jovens há várias interações online, por isso sem dúvida que as amizades possam ser influenciadas.”; “no meu caso, influencia mais os laços familiares, porque comunico todos

os dias com a minha família, que está longe, o facto de manter o contacto online ajuda a "encurtar" um pouco a distância.”; sem dúvida, pode influenciar as minhas amigadas, na medida em que conheci muitas pessoas através das redes sociais que são hoje minhas amigas.”

Ainda no âmbito da influência das redes sociais, mas desta vez sobre a imagem e a autorrepresentação dos jovens, 29 (vinte e nove) dos alunos afirmaram que, quanto mais conteúdos consumem, mais a sua imagem (forma como se apresentam online e offline) pode sofrer alterações. É importante salientar que, os alunos não vêm esta alteração como um aspeto negativo, mas sim como uma consequência natural de consumirem conteúdos do seu interesse. Apenas 8 (oito) alunos responderam que, a sua imagem não é influenciada pelas redes sociais nem se altera devido às mesmas.

No seguimento do tema das redes sociais segue-se uma questão em relação às pessoas que fazem o uso destas plataformas: “Sentes que as pessoas são cada vez mais reais ou fictícias nas redes sociais?”. A maioria das respostas, foi no sentido de que a maioria das pessoas que fazem o uso das redes sociais: *Instagram* e do *TikTok*, tendem a ser cada vez mais fictícias. Para melhor perceber as suas respostas, os alunos apontaram os seguintes motivos: “as pessoas criam personagens para estar no espaço online, por isso nunca podemos ter a certeza de quem são realmente. Não sinto que possa confiar em tudo o que vejo.”; “não procuram mostrar a sua realidade apenas partes cuidadosamente selecionadas das suas vidas. Ali só mostramos o que queremos.”; “porque têm algum receio de mostrar quem são nas redes sociais.”; “porque sentem-se protegidas atrás de um ecrã.”; “acredito que gostam de criar personagens para aumentar o engajamento.”; “as redes sociais podem funcionar como um escape à vida real.”; “para se enquadrarem num determinado ambiente.”; “Na minha perspetiva, isto acontece porque as pessoas podem sentir-se inseguras e daquela maneira sentem-se melhores com elas próprias.”; “são mais fictícias, devido a um receio maior em relação aos comentários que possam surgir. Há sempre comentários muito maldosos, por isso acredito que as pessoas prefiram mentir ou esconder certos aspetos.”; “existe um medo muito grande de sermos totalmente verdadeiros.”; “acho que as redes sociais criaram uma ideia fantasiosa do ser humano: o ser humano perfeito. Sinto, de certa forma, que as pessoas não querem que fique registado de forma alguma, naquele que é o grande arquivo digital, uma visão má. Isso ajuda a criar uma ideia falsa de nós mesmos.”.

Apenas 6 (seis) alunos responderam que, as pessoas são cada vez mais reais nas redes sociais, justificando da seguinte forma: “estamos todos cansados de fingir que está tudo bem. Então consigo ver que as pessoas querem cada vez mais ser verdadeiras.”.

Por seu turno, ainda com foco nas redes sociais, os alunos responderam à pergunta: “Quais as pressões a que os jovens podem estar sujeitos aquando da utilização das redes sociais?”, a maioria dos estudantes reconheceu que sofre algum tipo de pressão, como por exemplo: “às vezes agimos de maneira diferente, ou queremos postar mais conteúdos para tentarmos ser mais populares. Até procuramos alterar a forma como nos vestimos e como somos.”; “por vezes sinto-me pressionado a gostar de outras coisas”; “já aconteceu comportar-me de determinada forma para garantir que sou aceite e sou reconhecido por outros.”; “sinto-me pressionada a ser mais perfeita.”; “sinto-me pressionada a corresponder a certos padrões e isso mexe com a minha autoestima”; “sinto que existe pressão para fazermos parte das redes sociais, hoje em dia até achamos estranho quando alguém nos diz que não tem uma rede social.”; “sinto que é como se fosse um requisito para estar na sociedade”.

Sobre os resultados da décima primeira questão, cujo objetivo era entender se os alunos consideravam importante desconectar do espaço online, ou se é possível conciliar a vida online com a offline, desde que se saiba equilibrar? À qual 18 (dezoito) entrevistados responderam que é importante saber equilibrar a vida online com a vida offline, para conciliar os dois espaços basta ser responsável e consciente. No entanto, 13 (treze) jovens consideram mais importante saber desconectar do espaço online, para evitar situações de saúde mental frágeis, para viver mais e aproveitar melhor o meio que os envolve, assim como estarem mais conectados com as pessoas que os rodeiam.

Foi também questionado aos participantes se acreditam que as redes sociais podem ser uma extensão de quem são? As respostas foram simples e diretas, 14 (catorze) alunos consideraram que as redes sociais são uma extensão da sua pessoa para o espaço digital e apenas 8 alunos afirmaram o contrário. Por sua vez, ainda no âmbito da representação pessoal espaço digital, os entrevistados responderam à seguinte pergunta: “O teu perfil online é uma representação verdadeira de quem és?”. Dos alunos entrevistados 17 (dezassete) afirmaram

que, o seu perfil online é uma representação fiel da sua pessoa e 9 (nove) alunos consideraram que o seu perfil não é uma representação verdadeira.

A terceira parte desta entrevista, aborda questões relativas ao período de isolamento social. Como tal, foi questionado se “depois da pandemia, existem menos interações e mais pessoas solitárias?”. Os alunos refletiram sobre o assunto e a maioria considerou que as pessoas estão mais solitárias, apontando as seguintes razões: “sinto que as pessoas estão mais solitárias e existem menos interações entre elas.”; “sinto que antes da pandemia era mais extrovertido e agora sinto que sou mais introvertido, acabo por viver mais no meu mundo.”; “acho que as pessoas estão a interagir mais, mas também estão mais isoladas.”; “do meu ponto de vista, as pessoas para além de estarem mais solitárias, também estão com mais problemas em interagir com outras, na vida real.”; “diria que as pessoas se habituaram à solidão, às vezes até parece que se desconectaram delas próprias”; “considero que as pessoas estão mais desconectadas com a vida real, por isso interagem mais no espaço digital, como resultado isolam-se mais.”. De acordo com outras perspetivas, os alunos também consideraram que as pessoas estavam mais conectadas, inclusive afirmaram que “depois da pandemia, vejo que as pessoas interagem mais e estão mais interligadas umas com as outras. Parece que o tempo de isolamento nos fez perceber que é a conexão com as pessoas que nos faz falta, acima de tudo.”

Ainda no mesmo âmbito, os jovens responderam a mais duas perguntas: “Fazes parte de alguma comunidade virtual?” e “Durante a pandemia, achas que as comunidades virtuais foram um fenómeno positivo?”. A maioria dos jovens diz não fazer parte de uma comunidade online, contudo afirmam que as mesmas foram um fenómeno positivo: “porque as pessoas estavam isoladas e passaram a usar mais as comunidades para se conectarem.”; “foi muito importante o contacto com os outros, mesmo que fosse através do espaço digital.”; “conheci várias pessoas através das comunidades, permitiu-me estar acompanhada, mesmo estado fisicamente sozinha durante o isolamento.”; “foi um fenómeno positivo porque as pessoas podiam conviver, perceber como se estavam a sentir e partilhar experiências.”; “as pessoas podiam refugiar-se nesse espaço e continuar a viver, mesmo que fosse online.”; “permitiu que muitas pessoas encontrassem naquele espaço um momento de partilha e convívio”. “foram importantes para que as pessoas não se sentissem tão sozinhas.”. Em contrapartida, alguns alunos consideraram que: “as comunidades foram um pouco negativas, porque sinto

que as pessoas deixaram de se preocupar com o seu meio envolvente, para estarem mais ligadas ao espaço online e para conviver com outras pessoas, esquecendo-se daquelas que estão à sua volta.”

A pergunta seguinte tem como objetivo perceber se os alunos pensam ser importante identificar-se com os outros? Sendo que a maioria respondeu que sim, afirmando ser um processo muito relevante na construção da sua identidade, apontando algumas razões como: “os outros, sejam familiares, amigos, ou colegas são muito importantes para o nosso processo de identificação.”; “porque é através da identificação com o outro que somos reconhecidos e que reconhecemos.”; “o nosso desenvolvimento depende da identificação com o outro, é uma aprendizagem mútua.”. Apenas 4 alunos consideraram que a identificação com o outro não é relevante.

As próximas duas questões incidem sobre a segurança no espaço digital: “As redes sociais são seguras?” e “Deveriam ser implementadas medidas para proteger os jovens e promover um ambiente online mais seguro?”, na primeira pergunta mais de metade dos alunos afirma que as redes sociais não são um espaço, justificando que estão conscientes dos perigos associados e que as redes sociais representam muitas vezes uma falsa sensação de segurança. De forma a combater esta insegurança, 35 (trinta e cinco) dos alunos entrevistados, consideraram relevante que fossem implementadas medidas para combater as más práticas digitais e torná-lo mais “controlado” para os seus utilizadores mais jovens. Não obstante, 2 (dois) alunos assumiram que, implementar medidas no espaço digital seria uma tarefa muito difícil, na medida em que: “o espaço digital acaba por ser um pouco subjetivo e estamos à mercê das boas práticas digitais de cada utilizador para ser seguro. É certo que, em muitos casos as más práticas são recorrentes, por esse motivo diria que é mais urgente investir em literacia digital.”

A última pergunta da entrevista tinha como principal objetivo entender se os jovens saberiam responder à pergunta: “Sabes quem és?”, à qual a maioria dos alunos respondeu que sim, mas todos reconheceram que é um processo que os vai acompanhar a vida toda. Para concluir, ao serem solicitados a identificar algumas características pessoais, as respostas foram diversas, revelando uma ampla gama de traços individuais. Este variado leque de respostas permite-nos compreender que a singularidade de cada indivíduo é manifestada

através da sua própria percepção sobre si mesmo e da percepção que o outro tem de nós, refletindo a complexidade e diversidade da natureza humana.

Todas as informações acima dispostas podem ser verificadas através dos áudios gravados das entrevistas, [aqui](#).

VI. Análise dos resultados

Já expostos os dados das respostas ao questionário e às entrevistas, a próxima etapa debruça-se na análise desses mesmos dados.

Os jovens atravessam uma fase crucial de autodescoberta e de construção de identidade, um processo multifacetado que influencia profundamente o seu desenvolvimento. Este período é marcado por uma procura incessante pela compreensão de quem são, quais são os seus valores, interesses e aspirações. Num mundo cada vez mais globalizado e diversificado, os jovens são expostos a uma variedade de ideias, culturas e modos de vida, o que pode contribuir para uma maior complexidade da sua identidade.

Para além disso, como se viu até agora, as redes sociais e a tecnologia desempenham um papel fundamental significativo na formação da identidade dos jovens. Estas plataformas oferecem oportunidades para a expressão pessoal, conexão com outros e exploração de identidades virtuais. No entanto, também pode criar pressões e expectativas irreais, levando a que os adolescentes façam comparações e questionem a sua própria identidade.

Posto isto, pode concluir-se que nos dias que correm, os jovens passam uma grande parte do seu dia em contacto com as redes sociais, estas plataformas há muito que escalaram a sua função de entretenimento. Para muitos alunos é também um espaço de aprendizagem e, conseqüentemente, onde moldam a sua identidade, pelo simples facto de as redes sociais oferecerem mais do que a sua realidade diária, ou seja, é possível estar em contacto com mais pessoas, assim como receber mais informações, procurar novos desafios, preencher os seus dias de uma forma mais dinâmica e para lá da sua localização geográfica.

O espaço digital abriu portas a novas realidades, permite que se viva uma realidade simultânea a acontecer em dois espaços distintos. Contudo, este mundo de possibilidades também tem sérias responsabilidades, é essencial saber equilibrar a participação nas redes sociais, com o nosso dia a dia fora delas. Atualmente e de acordo com as repostas obtidas, as

peessoas vivem um certo desequilíbrio neste aspeto e até um pouco perdidas na sua identidade. O que outrora foi suficiente agora é demais e os resultados estão à vista, trazendo preocupações para a questão da saúde mental.

É ainda relevante, inferir que, a dependência do digital tem vindo a crescer de tal forma que se pode afirmar que as redes sociais são uma extensão de cada um de nós, como se fosse um traço da nossa personalidade. Inicialmente, o sentido desta investigação, seria para provar que estes jovens já olham para as redes sociais como parte deles e como ferramenta fundamental para o seu processo de construção de identidade. No entanto, perante esta situação, a abordagem mudou.

Os alunos mostraram que as redes sociais são de facto parte integrante do seu quotidiano, mas não é apenas através delas que a sua identidade toma os seus contornos. Apesar destes jovens reconhecerem os benefícios destes novos processos de sociabilização e da sociedade em rede, ainda receiam a sua presença e possíveis consequências.

Após a pandemia, os alunos reconhecem o desenvolvimento tecnológico e a sua participação online como algo fascinante e impulsionador de novas oportunidades. "É um espaço para realizar várias atividades interativas e criativas que experimentam com a própria personalidade" (Turkle, 2011). Não obstante, o período de isolamento social veio acentuar a solidão e a necessidade das pessoas se conectarem fora do panorama digital. Para muitos as interações online aumentaram exponencialmente, mas não combatem a distância que, cada vez mais, se verifica entre as pessoas.

Também se concluiu que, para os estudantes as redes sociais continuam a ser um espaço de entretenimento, de comunicação e interações. Agora surgem também como ferramenta de trabalho, fonte de informação e de inspiração. Contudo, verificou-se que é muito importante para os alunos manter a vida real separada do digital, esta diferença é essencial para que a sua saúde mental se mantenha saudável.

Em relação ao uso propriamente dito das redes sociais, os participantes em vários momentos referiram que hoje em dia é difícil ser-se verdadeiro no espaço digital, as pessoas tendem a ser mais fictícias e parece que as relações interpessoais fazem parte de uma realidade simulada. Para melhor explicar esta questão a socióloga Sherry Turkle afirma que,

“Desfrutamos da conexão permanente, mas raramente temos toda a atenção do outro. Podemos ter audiência instantânea, mas nivelamos por baixo o que temos a dizer uns aos outros. Gostamos de saber que a rede nos conhece, mas isso só é possível porque comprometemos nossa privacidade. Espalhamos migalhas de pão eletrônico, que podem ser exploradas política e comercialmente. Temos muitos novos encontros, mas tendemos a vê-los como tentativas, a serem postas à espera, se outras melhores aparecem, ou nem isso, porque nós estamos predispostos a lhes responder positivamente simplesmente por serem novas.” (Turkle, 2011, p. 280).

Ainda no âmbito das redes sociais também se pode concluir que, no mundo online a nossa própria representação coloca-nos no centro de uma nova comunidade, com a possibilidade de estabelecer conexões com outros e uma sensação de pertença. Porém, o que justifica o facto dos indivíduos procurarem mascarar o seu verdadeiro eu pode estar relacionado com o seguinte, “não é incomum para as pessoas se sentirem mais confortáveis num lugar irreal do que no real, porque elas sentem que, na simulação, elas revelam seu melhor e talvez mais verdadeiro eu” (Turkle, 2011, p. 212).

Segundo esta investigação a identidade pessoal é muito subjetiva, é algo que nos pertence enquanto indivíduos e seres sociais. Contudo, apenas o próprio sujeito a poderá definir independentemente de ser mais ou menos influenciado pelas redes sociais ou qualquer outra plataforma digital. “A identidade, tanto no nível social quanto em termos subjetivos baseia-se no processo contrastivo entre o *self* e o outro (Gilman, 1985), mesmo que, o outro só venha a interessar ao indivíduo na medida em que maximize o emblema do eu e da sua identidade individual, ainda assim será necessário basear-se na veracidade do que me é afirmado” (Birman, 1997, p.228).

Pode ainda concluir-se que, a construção de identidade é um processo complexo e influenciado por diversos fatores, entre os quais se destacam a relação com a literacia dos media, o contacto com as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), o contexto formal e informal e a maneira como estes jovens se veem a si próprios.

A literacia dos media desempenha um papel fundamental, é através dos media que somos expostos a uma vasta gama de representações e narrativas que moldam a nossa

perceção de nós mesmos e do mundo que nos rodeia. Assim sendo, literacia mediática, “remete para um conjunto de capacidades, de competências-chave, que permitem ao cidadão aceder, analisar, interpretar, avaliar criticamente, criar e comunicar mensagens em diversos contextos” (Lopes, 2015, p.24).

“Os media, tradicionais e não tradicionais, têm impacto nas rotinas e no carácter das culturas cívicas” (Dahlgren, 2009, p.105) “e potenciam também uma leitura e ação crítica sobre esses mesmos media e sobre a sociedade envolvente” (Brites et al., 2012, p.10).

Entre os estudantes, a relação com a literacia dos media é algo bastante apreciado, pois através desta sentem que estão mais informados e conscientes das suas escolhas online, assim como lhes permite analisar criticamente e questionar o impacto das mesmas no seu processo de identificação. As pessoas educadas para os media são capazes de fazer escolhas informadas, compreender a natureza dos conteúdos/serviços e tirar partido de toda a gama de oportunidades oferecidas pelas novas tecnologias das comunicações. Estão mais aptas a protegerem-se e a protegerem as suas famílias contra material nocivo, violento ou indesejado. Estas competências – técnicas, críticas, sociais e criativas (Helsper e Eynon, 2013) – são desenvolvidas ao longo da vida e usadas de forma relativamente automática e inconsciente, mobilizadas como resposta a exigências específicas, mais ou menos complexas, em contexto. As competências de literacia (mediática) são, portanto, recursos e disposições para a ação (Ávila, 2008) que permitem a cada indivíduo “responder às necessidades da vida em sociedade” (Kirsch et al., 1993, p. 2).

De acordo com Habermas (citado por Lopes, 2015, p.24) “as sociedades contemporâneas são sociedades das literacias - literacia mediática, digital, financeira, saúde - constitui-se como uma condição básica para a reflexividade, por um lado, e uma condição básica para a cidadania e a participação na esfera pública, a base da democracia, por outro.”

Por outras palavras, a educação para a informação e para os media revelou-se uma vertente incontornável da formação de qualquer cidadão e um caminho que, desde a família à escola e a outras instâncias formativas, não pode deixar de ser promovido e cuidado, com vista a promover: a literacia mediática, uma vida com mais dignidade e qualidade e uma participação social e política esclarecida.

Em teoria, existe uma relação entre literacia mediática e o exercício de uma cidadania ativa: ora sublinhando a educação para os media e a literacia mediática como potencial

ferramenta “para compreender a sociedade e participar na vida democrática” (Unesco, 2007), reconhecendo “a importância da literacia mediática e o seu papel na promoção da participação ativa dos cidadãos na vida económica, cultural e democrática da sociedade” (União Europeia, 2008), afirmando a literacia mediática como “fator importante para a cidadania ativa na sociedade da informação de hoje” (União Europeia, 2009), ora como “uma extraordinária forma de iniciação às práticas democráticas” (Gonnet, 2007, p. 7) ou como “uma dimensão da cidadania e um direito humano fundamental” (Buckingham, 2003).

Na carta europeia para uma Literacia dos Media, é possível, constatar que, diante aquelas diretrizes, o cidadão pode reger-se e aprofundar os seus conhecimentos de modo a aumentar as suas capacidades e estar consciente deste novo quotidiano de informação.

A literacia mediática desempenha, sem dúvida, um papel vital para o exercício de uma cidadania ativa e plena, em poucas palavras as pessoas e as sociedades vivem da qualidade da relação que entre elas se estabelece. Essa relação vive da qualidade da comunicação e da informação, assim sendo é imperativo que os indivíduos, de modo a garantir o seu pleno exercício de cidadania procurem enriquecer as suas competências literárias, nesta realidade mediática.

Deste modo, é imperativo uma educação para os media, isto é, “um processo pedagógico que procura capacitar os cidadãos para viverem de forma crítica e interventiva relativamente aos novos modelos comunicacionais dos nossos dias” (Reia-Baptista, 2008, p.193). A questão da literacia - educação para os media- surge então com os avanços tecnológicos constantes, começou a perceber-se que era fundamental dar as ferramentas indicadas para a população poder evoluir ao mesmo ritmo da nova era digital e tem como objetivo primordial, aproveitar os meios e redes de comunicação de forma a aumentar o desenvolvimento pessoal e social, para que cada pessoa possa conviver, aprender e trabalhar com mais qualidade,

“Os meios de comunicação como possuidores de um tipo de saber que convive com aquele oferecido pelo sistema educativo, enquanto espaços de acesso ao conhecimento. Numa sociedade mediática, os meios de comunicação são veículos através dos quais circula uma grande parte desse conhecimento. Nesse sentido, são agentes educativos que se juntam aos agentes tradicionais, como a escola e a família.” (Reia-Baptista, 2009, p.194)

A imersão cada vez maior dos media na vida pública e privada, intimamente relacionada com os desenvolvimentos tecnológicos mais meios, maior oferta, mais capacidade de acesso, maior escolha por parte do consumidor faz com que haja necessidade de preparar os cidadãos para saberem lidar, de forma crítica e criteriosa, com a panóplia de meios, de informações e de conteúdos ao seu alcance. Além disso, tal como afirma Buckingham,

“Os meios de comunicação são indubitavelmente o principal recurso contemporâneo de expressão e comunicação cultural: quem quiser participar ativamente na vida pública terá, necessariamente, de utilizar os modernos meios de comunicação social. Estes conseguiram impregnar profundamente as texturas e as rotinas da nossa vida quotidiana e proporcionam-nos muitos dos recursos simbólicos que utilizamos tanto para guiar as nossas relações como para definir as nossas identidades.” (Buckingham, 2005, citado por Reia-Baptista, 2009, p.195).

No que diz respeito aos desafios de literacia mediática, que se colocam na atualidade, é importante refletir que, os cidadãos, enquanto consumidores de media, confrontam-se com peripécias cada vez maiores face à quantidade e à diversidade de dados e de informação, o que exige níveis de literacia cada vez mais apurados e sofisticados nesta área,

“No início do século XXI, a tecnologia e as comunicações situam-nos num cenário diferente: o da tomada do poder por parte do recetor. Uma das características do atual sistema mediático é o aumento progressivo da interação com as suas audiências, que possuem um papel ativo e protagonista no desenvolvimento e no desempenho do próprio sistema. (Reia-Baptista, 2009, p.189)

A camada mais jovem, sendo a maior consumidora e produtora de media, é necessário dar-lhes conhecimentos e capacidades que lhes permita consumir os produtos de forma informada, tendo em conta a crescente complexidade desses meios e dos contextos em que surgem e se desenvolvem. No entanto, não são apenas os jovens e crianças que têm uma

participação mais ativa nas novas formas de comunicar, a tendência é cada vez mais que cada cidadão procure instalar-se neste cotidiano.

Como tal, devem ser dadas às pessoas capacidades de reflexão e espírito crítico que habilitem a comunicar através dos media e também com os próprios media: assumindo um papel informativo sobre matérias de interesse público; exercendo o direito constitucional de resposta e retificação; ou colaborando com a crítica, o aplauso, a sugestão e a proposta, através de iniciativas individuais ou de movimentações organizadas.

As mudanças no ecossistema mediático, as mudanças provocadas pelos desenvolvimentos tecnológicos e a convergência promovida pelo digital trouxeram para a discussão novas nomenclaturas, acentuando, algumas delas, o poder da própria tecnologia e as possibilidades que abriu aos cidadãos em termos de participação e produção de informação. “O contexto no qual este processo se desenvolve é o de uma sociedade complexa cheia de contradições” (Reia-Baptista, 2008, p.190). Esta transição de conceitos é também o resultado de interesses políticos e comerciais.

Por sua vez, o contacto com as TIC possibilita a oportunidade de apresentarem versões idealizadas de si mesmos, seleccionando cuidadosamente as informações que querem partilhar, como foi mencionado na conversa com os alunos. Esta curadoria da identidade online pode contribuir para uma perceção distorcida da realidade a influenciar a forma como nos percebemos e somos percebidos. Porém, há uma diferença entre a incerteza e a possibilidade da total não veracidade daquilo que nos é dito. “Se estas experiências possibilitam o autoconhecimento o que fazer se na interação face-a-face as identidades experimentadas na internet forem questionadas pelo outro, e neste sentido levarem à negação do sujeito sobre si mesmo, ou ao seu isolamento caso o outro não lhe possibilite maximizar o emblema do eu?” (Birman, 1997). “Os “eus” elaborados numa interação baseada no anonimato, podem perfeitamente permanecer apenas no reino da fantasia e não servirem para alcançar o autoconhecimento na experiência fora da tela, nas interações face-a-face.” (Turkle, 2005).

Sobre o contexto formal e informal, tanto o ambiente escolar como o profissional exigem determinados padrões de comportamento e identidade. Por outro lado, nos contextos informais, como o convívio com amigos e familiares, podemos sentir-nos mais livre para explorar diferentes facetas da nossa identidade e expressar quem realmente somos. No que

diz respeito ao espaço virtual, o mesmo se aplica. Apesar de existir a sensação de que todos se sentem confortáveis no seu perfil digital a verdade é que até aqui existem contextos a serem respeitados, como por exemplo: a troca de mensagens entre amigos num chat particular seria um contexto informal, já a publicação de uma imagem ou um vídeo no *Instagram* é o contexto formal, pois é esperado um determinado comportamento padrão, sujeito até à crítica alheia.

Por fim, a maneira como os jovens se veem a eles próprios é fundamental na construção de identidade. Para Sherry Turkle (2005) “o anonimato dá a possibilidade do indivíduo de se expressar através de múltiplas identidades e abrir espaços inexplorados do eu, jogar com suas identidades e descobrir novas “personas”. Criar identidades fluídas e múltiplas, força o limite da noção de identidade.”

A autoimagem, por exemplo, é influenciada pelas experiências, relações interpessoais e valores pessoais. É importante cultivar uma imagem positiva e saudável, baseada na aceitação e no respeito por nós mesmos.

A cultura digital e a identidade online têm desempenhado um papel muito importante no desenvolvimento da sociedade contemporânea. As experiências e perspectivas são fortemente influenciadas pelos valores, interesses e opiniões de cada indivíduo, não obstante existe agora outro fator influenciador, neste caso as plataformas digitais. Estas permitem o acesso a uma diversidade imensa de conjunto de informações, possibilidade de conexão e forma de expressão que antes não eram consideradas nem imaginadas.

Ressalva-se que a identidade online é bastante complexa existem muitas formas de trabalhá-la e conhecê-la, mas, neste contexto, importa refletir sobre a forma como nos apresentamos e interagimos no online. Esta análise permitiu perceber, que as comunidades em que nos inserimos e escolhemos partilhar uma versão idealizada ou seleciona de nós mesmos, onde podemos até mostrar apenas aquilo que queremos que outros vejam, levanta um desafio relevante, pois pode resultar numa desconexão entre a nossa identidade online e a nossa verdadeira essência.

Esta temática levanta muitas questões éticas, ao mesmo tempo que permite um espaço único de possibilidades. Entende-se, por isso, que se trata de fenómenos complexos e que exigem a atenção dos seus participantes. Os jovens, enquanto membros ativos do ambiente

digital, é importante que mantenham um senso de autenticidade, ética e consciência sobre o impacto das nossas ações. As representações online são poderosas ferramentas para a expressão, conexão e comunicação.

As práticas digitais têm um grande impacto e influenciam fortemente a construção da identidade. Este é um fenômeno fruto do nosso tempo que combina criatividade, tecnologia e interatividade que convida à exploração de novos horizontes e novas perspectivas.

Em última análise, é importante refletir sobre estas influências e reconhecer o papel ativo que desempenham na definição de quem somos. O processo de identidade dos jovens é uma jornada contínua de autodescoberta e crescimento, que pode ser enriquecida através da reflexão, do apoio de outros e da experiência de diferentes perspectivas e culturas. É necessário que os adolescentes se sintam capacitados para explorar e expressar quem são, sem medo de julgamento ou expectativas externas, pois é através deste processo que podem desenvolver uma identidade autêntica e significativa.

Por tudo o que foi escrito, o último aspeto a analisar após o levantamento dos dados desta investigação tem a ver com a segurança nas redes sociais e no espaço digital. É fundamental compreender os perigos que podem surgir nas redes sociais e adotar medidas para garantir a segurança online.

Como foi mencionado pelos entrevistados, os alertas para a segurança no espaço digital são uma mais-valia e nunca são demais, tendo em conta que este é um assunto que desperta cada vez mais preocupação e interesse é importante mencioná-lo neste estudo.

Um dos principais perigos enfrentados pelos utilizadores das redes sociais e/ou plataformas digitais é a exposição a ciberataques e fraudes. Os cyber criminosos muitas vezes aproveitam-se da ingenuidade dos utilizadores, utilizando técnicas como o *phishing* e *malware* para roubar informações pessoais e financeiras- Esta ameaça é ainda mais agravada pelo crescente número de utilizadores, muitos dos quais podem não estar cientes das práticas de segurança adequadas.

Outro desafio significativo é a disseminação de desinformação- as *fake news*. Num ambiente onde a informação é partilhada rapidamente e sem verificação adequada, as *fake news* podem chegar a muitas pessoas, levando a que graves consequências tomem

proporções, como por exemplo, a desinformação pública, polarização e até pode influenciar processos demográficos.

Além disso, a privacidade dos utilizadores é uma preocupação crescente. As redes sociais frequentemente armazenam uma grande quantidade de dados pessoais dos utilizadores para fins publicitários e análises, levantando questões sobre quem tem acesso a esses dados e de que forma são utilizados. O Regulamento Geral de Proteção de Dados (RGPD) da União Europeia trouxe algumas proteções para os utilizadores, mas ainda há vários obstáculos a ultrapassar para garantir que as empresas cumpram integralmente essas regulamentações.

Para mitigar estes perigos e garantir uma experiência segura nas redes sociais e, no fundo, em todo o espaço digital é crucial que os utilizadores adotem boas práticas digitais, por sua vez, de segurança cibernética. Para isso é importante a utilização de senhas fortes e únicas, a ativação da autenticação de dois fatores sempre que possível e verificação regular das configurações de privacidade. Além disso, é relevante que as plataformas de redes sociais continuem a investir em medidas de segurança e a colaborar com as autoridades e organizações relevantes para combater a disseminação de desinformação e proteger os utilizadores de atividades maliciosas, principalmente entre as camadas mais jovens.

Ao abordar este tema podemos compreender melhor os desafios e as oportunidades que esta temática apresenta, através do olhar crítico é possível promover o uso consciente da tecnologia encontrando um equilíbrio saudável entre a vida no digital e no offline, contribuindo para um processo de construção de identidades autênticas e significativas em ambos os espaços.

CONCLUSÃO

Findo o enquadramento teórico e a análise de resultados da presente investigação empírica, que teve como principal objetivo perceber a influência das redes sociais mais recentes, como o *Instagram* e o *TikTok*, no desenvolvimento da identidade pessoal dos jovens, pretendendo-se perceber como é que os adolescentes percebem a sua própria identidade e como é que esta se articula com a realidade offline e quais os fatores que poderão estar relacionados. Assim sendo, estão reunidas as condições para responder à pergunta de partida: será que as práticas digitais estão a promover o surgimento de novos processos de sociabilização e identidades online, ou estaremos a observar uma redução das interações e o surgimento de identidades mais isoladas?

Em primeiro lugar, pode concluir-se que, as práticas digitais estão a permitir novos processos de sociabilização e novas identidades em rede, como se pode comprovar através do universo da amostra estudada.

Em segundo lugar, é possível ainda afirmar que a pandemia COVID-19 marcou fortemente as conexões humanas, na medida em que, a forma como as pessoas interagem e se relacionam mudou drasticamente, não apenas num sentido negativo. Os jovens admitem que o espaço digital, durante o período de isolamento social, permitiu-lhes manter contactos, criar conexões e partilhar experiências. Sendo ainda importante referir que, apesar do nível de interações ser maior, ao mesmo tempo verificou-se que as identidades solitárias tendem a aumentar.

Em terceiro lugar, no que diz respeito à fragmentação do “eu” no espaço digital, este fenómeno veio possibilitar a descoberta da identidade nos mais variados contextos, permitindo explorá-la a vários níveis.

Em quarto lugar, de acordo com o inquérito aplicado, é possível compreender que as identidades online influenciam o desenvolvimento do indivíduo, contudo não é condição única e necessária. Para os jovens é muito importante saber equilibrar o contexto online com o contexto offline, não deixando um extrapolar o outro.

Por fim, é possível afirmar que, a era digital veio alterar para sempre a forma como os jovens se percebem e são percebidos, tanto no contexto online como no offline. Contudo, apesar do espaço digital apresentar muitos benefícios ainda é receado por estes jovens, por isso a literacia digital desempenha um papel fundamental neste processo.

No entanto, resta ponderar a seguinte questão: sabemos quem somos ou andamos à deriva da nossa identidade? A resposta é simples: “não se trata apenas de encontrar quem somos, trata-se de criar quem somos” (George Bernard Shaw).

Assim está dado o pontapé de partida para a reflexão das limitações deste estudo e para sugestões de estudos futuros na área. Aquando do início de um estudo de um trabalho de investigação, está sempre presente na mente do investigador que todas as investigações possuem algum tipo de limitação ou limitações inerentes a este estudo.

Tem conta que este estudo se cinge a determinadas turmas da Escola Secundária João de Deus não é possível fazer uma generalização dos resultados, a nível nacional, contudo permitiu aprofundar e responder à questão de investigação do presente estudo. Outra limitação que pode ser apontada a este estudo é a predisposição dos inquiridos para responder ao questionário, tendo em conta que o mesmo foi apresentado numa plataforma online, não possibilitando uma interação pessoal com os participantes.

Sendo a temática deste estudo tão abrangente é possível identificar algumas linhas para futuras investigações mais abrangentes, como por exemplo: o cruzamento de variáveis recorrendo a métodos estatísticos de forma a retirar conclusões mais aprofundadas. Também realizar a aplicação deste estudo a nível regional seria interessante, na medida em que, dessa forma a amostra seria mais representativa e, caso os resultados fossem consistentes seria possível extrapolar resultados mais fiáveis.

Por fim, como sugestão de estudo futuro, seria interessante colocar a tónica deste estudo aplicada a outros setores como, por exemplo, a influência das plataformas de *streaming* na formação de identidade cultural, ou até mesmo uma investigação sobre o papel das tecnologias de realidade virtual na construção de narrativas identitárias online, de forma a perceber como é que estas novas formas de interação e consumo de média estão a moldar as perceções individuais e coletivas de identidade, e como é que isso pode impactar a sociedade e a cultura

no futuro. Estas sugestões são, por isso, potenciais possibilidades de aperfeiçoamento deste estudo ou de incitamento de um estudo futuro.

A identidade pessoal é um assunto bastante complexo, através dela percebemos o mundo e ao longo da nossa vida procuramos um sentido de pertença. Atualmente, creio que este é um tema sem escape possível, todos queremos um lugar onde pertencer, uma comunidade onde somos aceites e onde revemos os nossos valores e crenças.

Para terminar, saliento que com esta investigação procuro contribuir para uma discussão mais informada e construtiva sobre o papel das redes sociais nas nossas vidas, ajudando, de alguma forma, a moldar um futuro em que possamos aproveitar os benefícios das plataformas enquanto preservamos a nossa identidade pessoal e bem-estar psicológico.

ANEXO(S)

1. Guião do Questionário

Investigação | A construção de identidades em rede

O presente questionário foi elaborado no âmbito da Dissertação em Cultura Contemporânea e Novas Tecnologias, integrada no Mestrado Ciências da Comunicação da Universidade Nova FCSH. O principal objetivo deste estudo é perceber a influência das redes sociais no desenvolvimento da identidade pessoal nos jovens no período pós-covid. Procura-se responder à questão: será hoje mais fácil saber quem somos ou andamos à deriva na nossa identidade? Este questionário deve levar aproximadamente 5 minutos para ser concluído. A tua contribuição é muito importante para o sucesso desta pesquisa e irá contribuir para uma discussão mais informada e construtiva sobre o papel do mundo digital na vida dos jovens.

Atenção: Este questionário é anónimo e os dados recolhidos serão, apenas, utilizados para fins académicos e exclusivamente para este estudo.

Género

Feminino

Masculino

Idade

< 15 anos

entre 16 e 17 anos

> 18 anos

Ano de escolaridade

10º ano

11º ano

12º ano

Área de estudo: (resposta aberta)

1. A formação de identidades:

Seleciona os conceitos com o quais estás familiarizado: (Deves selecionar mais do que 2 opções)

Auto-representação online

Processos de sociabilização

Auto-estima
Auto-imagem
Efeitos psicológicos
Interação virtual
Identidade pessoal

Consideras que és um utilizador ativo das redes sociais Instagram e TikTok?

Sim
Não

Quanto tempo, em média, passas nas redes sociais por dia?

< 1hr
entre 2hr a 3hr
> 4hr

Com que finalidade utilizas as redes sociais? (Podes seleccionar mais do que 1 opção)

Entretenimento
Informação
Educação
Trabalho

As redes sociais afetam as tuas escolhas de estilo de vida, hobbies ou interesses?

Discordo totalmente
Discordo parcialmente
Concordo
Concordo totalmente

A tua vida social e a tua relação com familiares ou amigos é afetada pelo uso das redes sociais?

Discordo totalmente
Discordo parcialmente
Concordo
Concordo totalmente

Consideras que o teu perfil online reflete quem és na vida real?

Discordo totalmente
Discordo parcialmente
Concordo
Concordo totalmente

Acreditas que as redes sociais podem influenciar a tua autoestima?

Discordo totalmente
Discordo parcialmente
Concordo
Concordo totalmente

Hoje em dia, o acesso ao espaço online é visto como um mundo infinito de possibilidades. De acordo com a tua opinião, é cada vez mais difícil saber com quem ou com o que é que te identificas, ou é cada vez mais fácil, graças às redes sociais?

2. **Impacto da pandemia mundial (Covid-19):**

As redes sociais contribuíram para manter ou estabelecer conexões durante o distanciamento social?

Discordo totalmente
Discordo parcialmente
Concordo
Concordo totalmente

Consideras que os níveis de stress, ansiedade e/ou solidão aumentaram após o regresso à "normalidade"?

Discordo totalmente
Discordo parcialmente
Concordo
Concordo totalmente

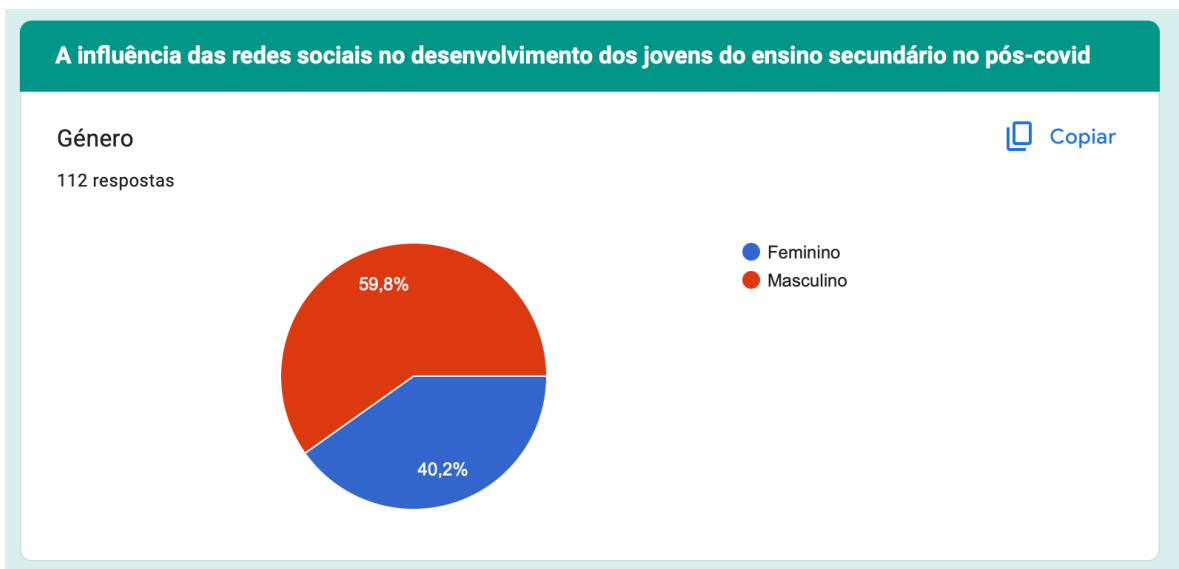
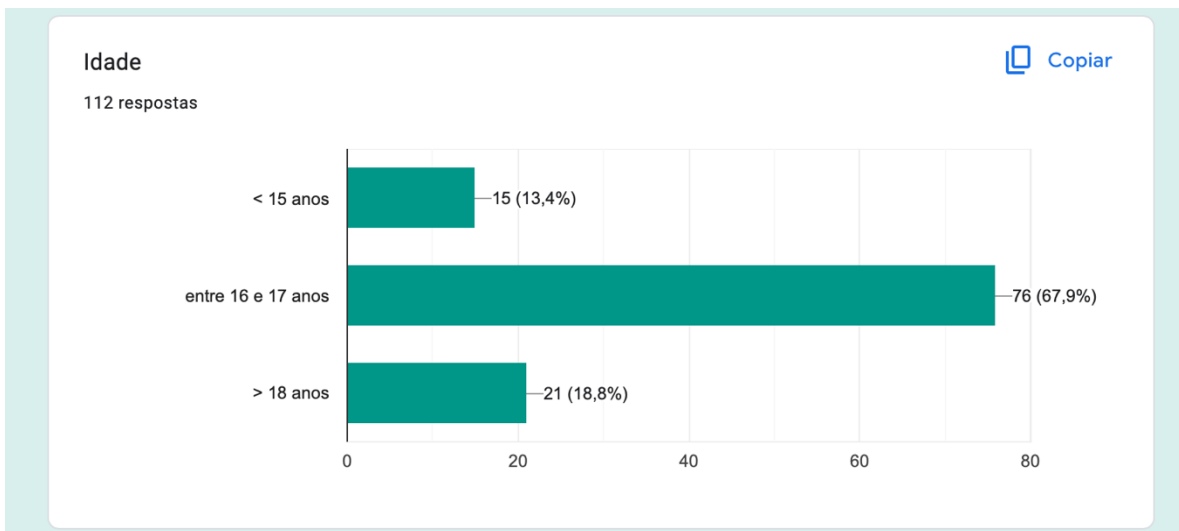
A pandemia mudou a tua perceção sobre o uso das redes sociais de alguma forma?
Se sim, como? (resposta aberta)

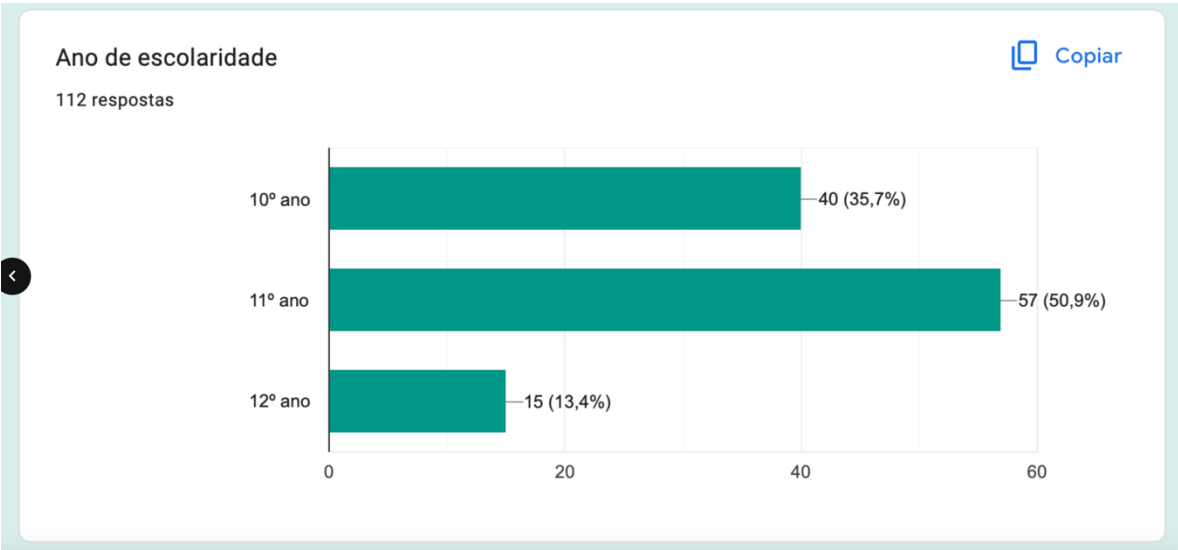
A pandemia teve um impacto positivo no teu desenvolvimento pessoal?

Discordo totalmente
Discordo parcialmente
Concordo
Concordo totalmente

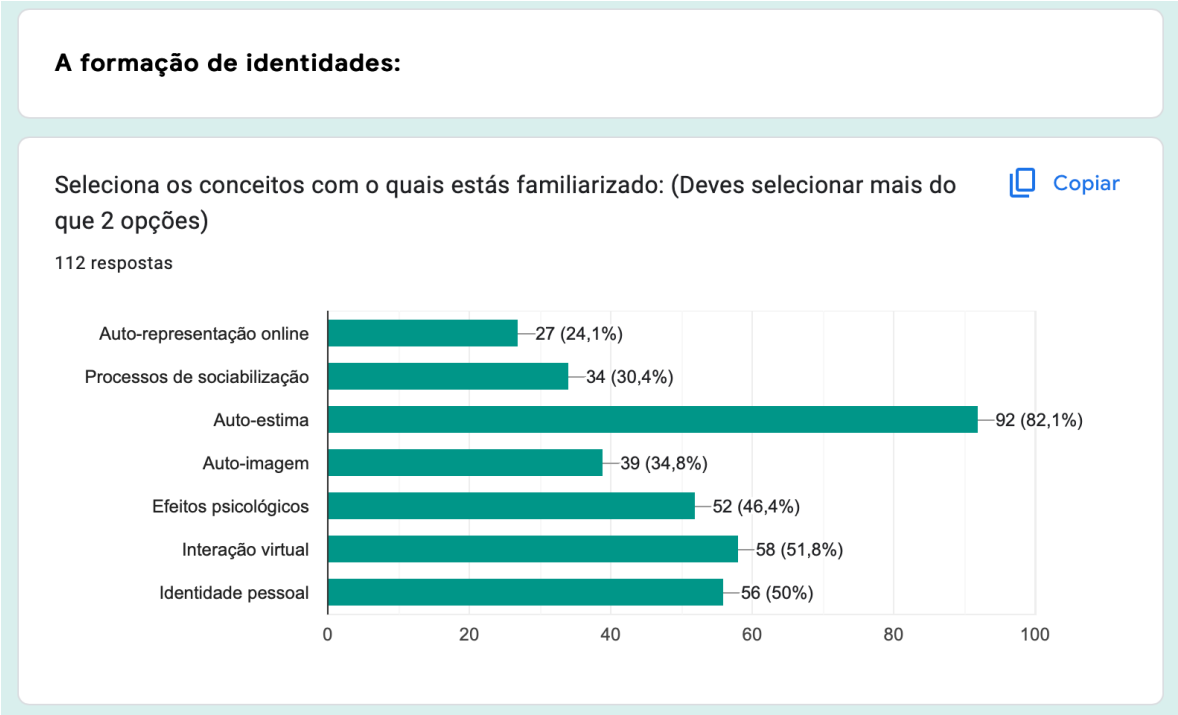
Depois da pandemia, a vida acontece mais no espaço digital e as pessoas já não sabem como ficar offline. Concordas com a afirmação? Dá a tua opinião. (resposta aberta)

2. Caracterização da amostra

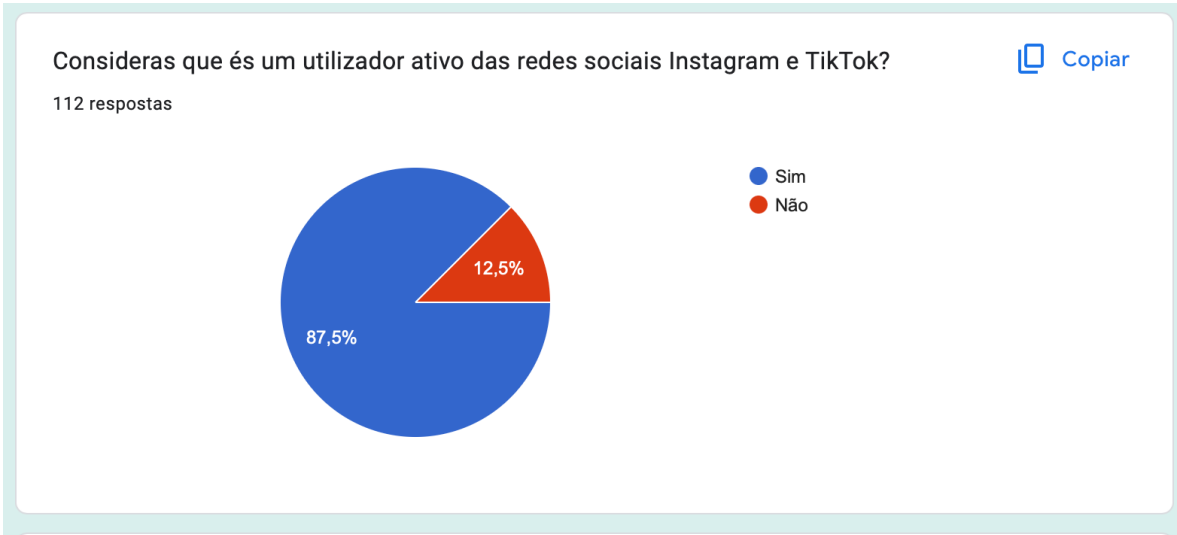




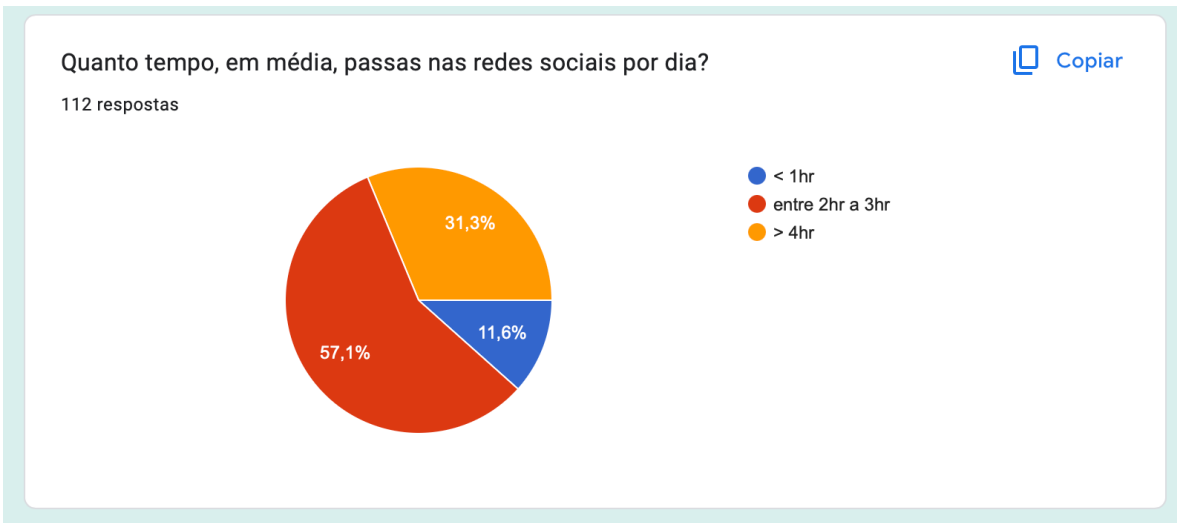
3. Gráfico 1



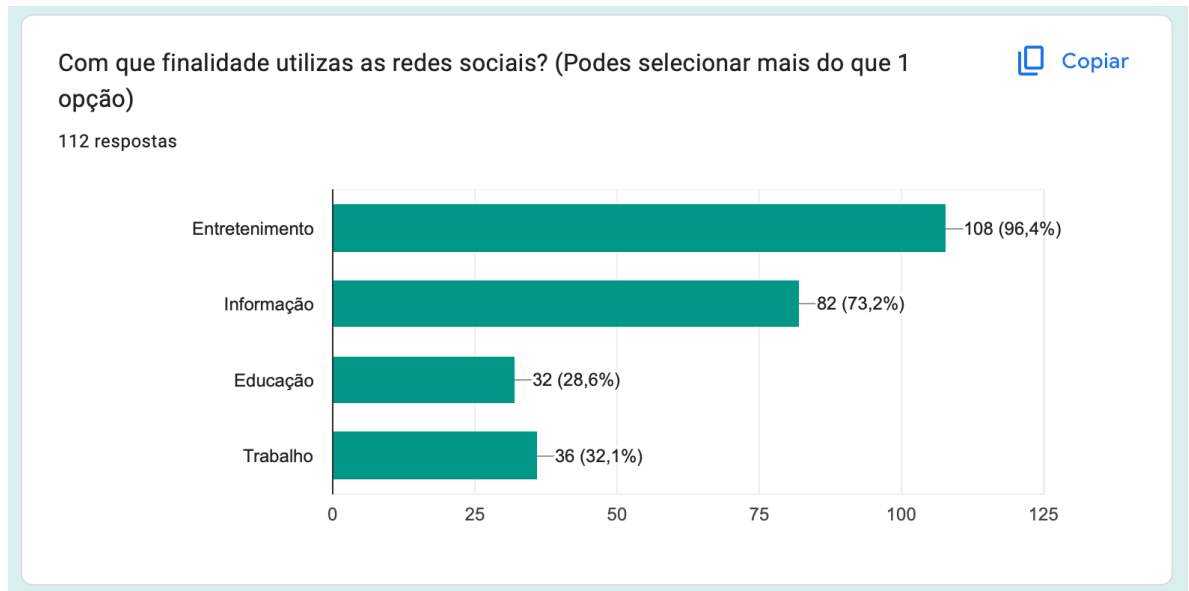
4. Gráfico 2



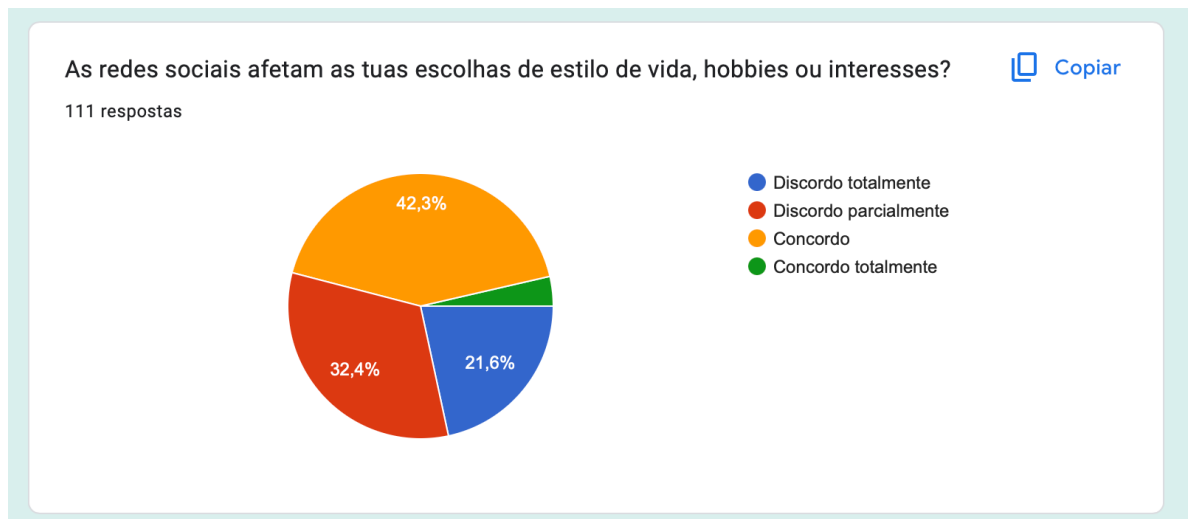
5. Gráfico 3



6. Gráfico 4



7. Gráfico 5

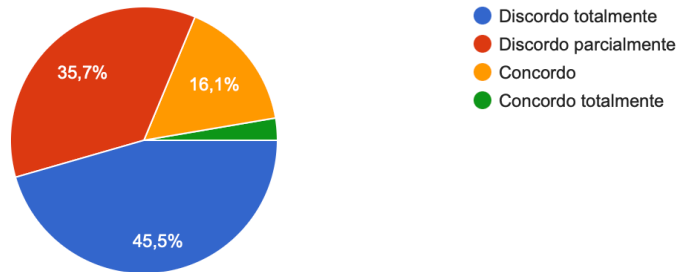


8. Gráfico 6

A tua vida social e a tua relação com familiares/amigos são afetadas, de alguma forma, pelo uso das redes sociais?

 Copiar

112 respostas

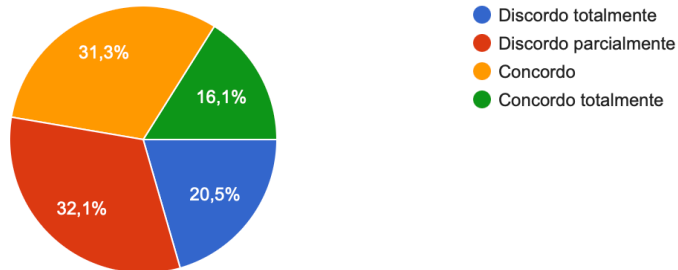


9. Gráfico 7

Consideras que o teu perfil online reflete quem és na vida real?

 Copiar

112 respostas

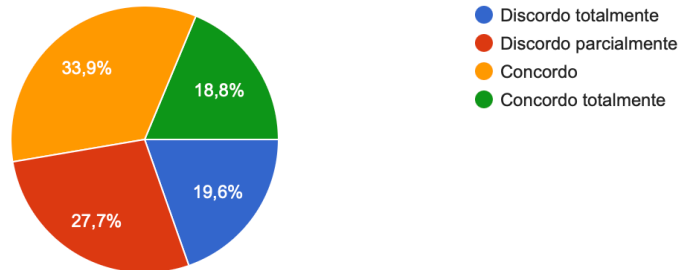


10. Gráfico 8

Acredita que as redes sociais podem influenciar a tua autoestima?

 Copiar

112 respostas



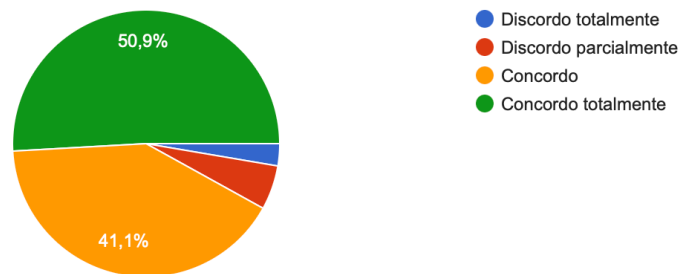
11. Gráfico 9

Impacto da pandemia mundial (Covid-19):

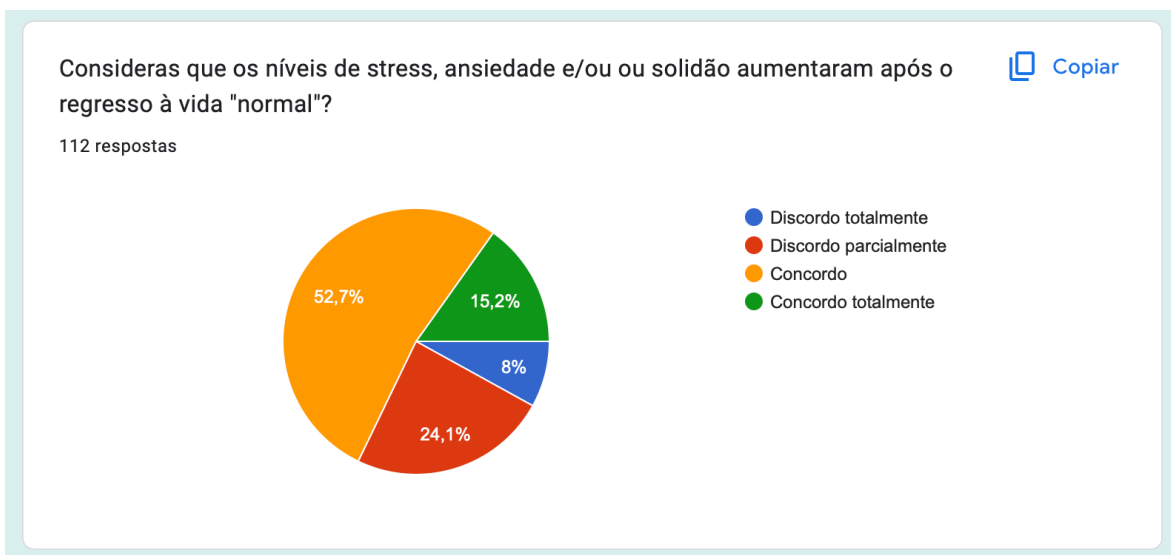
As redes sociais contribuíram para manter ou estabelecer conexões durante o distanciamento social?

 Copiar

112 respostas



12. Gráfico 10



13. Gráfico 11



14. Tabela 1: análise das respostas do questionário

15. Guião: Entrevista Estruturada

Entrevista aos alunos das turmas de 10o, 11o e 12o ano da Escola Secundária João de Deus, Faro.

1. Nome.
2. Idade.
3. Ano de escolaridade.

4. Qual é a tua rede social favorita e porquê?
5. Entre o *Instagram* e o *TikTok*, qual é que preferes?
6. A identidade é estática ou está em constante evolução?
7. A utilização das redes sociais contribui para o teu desenvolvimento pessoal?
8. Qual é o impacto das redes sociais na tua vida pessoal?
9. As redes sociais podem afetar o teu o bem-estar emocional?
10. As redes sociais podem influenciar as tuas amizades ou os teus laços familiares?
11. As redes sociais podem moldar a tua imagem?
12. Sentes que as redes sociais promovem a apresentação de pessoas reais ou, cada vez mais, pessoas fictícias?
13. Quais as pressões a que estamos sujeitos quando usamos as redes sociais?
14. É importante desconectar da vida online, ou é possível conciliar o espaço online com o offline?
15. As redes sociais são uma extensão de quem és?
16. O teu perfil online é uma representação fiel de quem és?
17. Depois da pandemia, existem menos interações e mais pessoas solitárias?
18. Fazes parte de alguma comunidade virtual?
19. Durante a pandemia, consideras que as comunidades virtuais foram importantes. Se sim, porquê?
20. A identificação com outros indivíduos é importante?
21. As redes sociais são seguras?
22. Deveriam ser implementadas medidas para proteger os jovens e promover um ambiente online mais seguro?

16. **Tabela 2**: análise das respostas das entrevistas

17. **Gravação de áudio das entrevistas**

18. **Prints** do *feed: for you page*, do Instagram dos alunos

19. **Vídeo**: A Construção de identidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, A. P., Bandoni, B., Chaves, L., Camargo, M. F., Ferreira, R. A., & Kaulfuss, M. A. (2013). *A construção da indentidade* (2nd ed., pp. 1–3). Revista Científica Eletrônica De Ciências Aplicadas Da FAIT.
- Almeida, G., Dias, R., Jacobowsky, R., Nascimento, G., Santos, E., & De Luiz, G. (2018). *As redes sociais e os adolescentes: Um estudo a partir dos pressupostos da psicologia social*. Trabalho De Conclusão De Curso (bacharelato em Psicologia) – UNIVAG Centro Universitário, Várzea Grande - MT.
- Almeida, J. (2006). *Sobre a anamorfose: Identidade e emancipação na velhice*. Tese De Doutorado, Programa De Pós-graduação Em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica De São Paulo, SP.
- Amante, L., Marques, H., Cristóvão, M. do R., Oliveira, P., & Mendes, S. (2014). *Jovens e processos de construção de identidade na rede: O caso do facebook* (7th ed., pp. 26–38). Educação, Formação E Tecnologias.
- Assunção, R., & Matos, P. (2014). *Perspetivas dos adolescentes sobre o uso do facebook: Um estudo qualitativo* (3rd ed., Vol. 19, pp. 539–547). *Psicol. estud.*, Maringá.
- Bauman, Z. (2005). *Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi*. (pp. 40–52). Brasil: Zahar.
- Brites, M., Ponte, C., Baquero, R., Ribeiro, E., & Stabile, M. (2012). Periódico de opinião pública e conjuntura política (pp. 3–35). Periódico Eletrónico Do Grupo De Pesquisa “opinião Pública, Marketing Político E Comportamento Eleitoral.”
- Cardoso, G., & Lamy, C. (2011). *Redes sociais: Comunicação e mudança* (1st ed., Vol. 2, pp. 73–96). *e-journal of International Relations: Primavera*.
- Castells, M. (2002). *A sociedade em rede* (6th ed., Vol. 1, pp. 280–288). Paz e Terra.
- Castells, M. (2004). *A galáxia internet: reflexões sobre internet, negócios e sociedade* (2nd ed., pp. 300–326). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ciampa, A. C. (2002). *Políticas de identidade e identidades políticas*. C. I. L.

- Coracini, M. J. (2013). *A celebração do outro: Arquivo, memória e identidade* (2nd ed., pp. 156–177). Mercado De Letras.
- Corrêa, C. (2019). *Comunidades virtuais gerando identidades na sociedade em rede* (pp. 1–14).
- DAHLGREN, P. (2006) “Doing citizenship: The cultural origins of civic agency in the public sphere.” 9(3), pp. 267-286). *European Journal of Cultural Studies*
- Fonseca, P., Couto, R., Melo, C., Amorim, L., & Pessoa, V. (2018). *Uso de redes sociais e solidão: Evidências psicométricas de escalas* (3rd ed., Vol. 70, pp. 198–212). Arq. bras. psicol., Rio de Janeiro.
- Giddens, A. (1991). *The Consequences of Modernity* (5th ed., pp. 170–180). Editora Unesp.
- Guimarães, Á., Aleixo, L., & Costa, M. (2020). *Redes sociais: Influências na construção identidade dos adolescentes* (pp. 1–23).
- Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade* (11th ed., pp. 7–42). DP & A.
- Kotler, P. e Keller, K. L. (2007). *Administração de Marketing*, 12. ed. São Paulo: Prentice Hall.
- Langaro, F., & Benetti, S. (2014). *Subjetividade contemporânea: Narcisismo e estados afetivos em um grupo de adultos jovens* (2nd ed., Vol. 26, pp. 197–215). *Psicol. clin.*, Rio de Janeiro.
- Larsen, M. C. (2008). *Understanding social networking: On young people s construction and co construction of identity online* (pp. 10–18). India: K. Sangeetha Online Networking - Connecting People Icfai University Press.
- Lemos, A. (2008). *Agregações eletrônicas ou comunidades virtuais? Análise das listas facom e cibercultura*.
- Lévy, P. (2003). *Pela ciberdemocracia. in moraes, d.(org.) por uma outra comunicação: Mídia, mundialização cultural e poder* (pp. 367–384). Rio de Janeiro: Record.
- Lévy, P. (1999). *Cibercultura*. Editora 34.
- Lopes, P. (2015). Literacia mediática e cidadania: uma relação garantida? *Análise Social* (3rd ed., Vol.1, 2182-2999. p.216)
- Maffesoli, M. (2014). *O tempo das tribos* (5th ed., pp. 320–330). Brasil: Editora Forense Universitária.

- Malhotra, K. (2015). *Essentials of Marketing Research: A Hands-On Orientation* (Global Edition ed.). Pearson Education Limited.
- Malhotra, N. (2006). *Pesquisa de Marketing: uma orientação aplicada*. Porto Alegre: Bookman
- Manovich, L. (2002). *The Language of New Media*. The MIT Press.
- McDaniel, C., & Gates, R. (2015). *Marketing Research* (10th Edition ed.). Wiley
- McRobbie, A. (1993). *Feminism, Postmodernism and the Real Me*. *Theory, Culture & Society*, .
- McLuhan, M. (2000). *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem como extensões do homem*. Cultrix.
- Nóbrega, L. (2010). *A construção de identidades nas redes sociais* (1/2 ed., Vol. 20, pp. 95–102). Fragmentos De Cultura.
- Nogueira-Martins, M., & Bógus, C. (2004). *Considerações sobre a metodologia qualitativa como recurso para o estudo das ações de humanização em saúde* (n.3 ed., Vol. v.13, pp. p.44-57). Saúde E Sociedade.
- Papacharissi, Z. (2011). *A Networked Self and Love*. Routledge.
- Pereira, I. (2002). *Identidades em rede: Construção identitária e movimento associativo* (40th ed., pp. 107–121). Sociologia, Problemas E Práticas.
- Pereira, J., Pontes, R., & Tozatto, A. (2022). *A influência das redes sociais no processo de construção da identidade* (10th ed., Vol. 8, pp. 591–606). São Paulo: Revista Ibero-Americana De Humanidades, Ciências E Educação.
- Reia-Batista, V. (2009). 'Literacia dos Media como Resultado de Multi-Aprendizagens Multiculturais e Multimediáticas', em Miranda, G. [2009] *Ensino Online e Aprendizagem Multimediática*. Relógio D' Água.
- Rheingold, H. (2003). *Smart Mobs: The Next Social Revolution*. Basic Books.
- Rosa, G., & Santos, B. (2015). *Repercussões das redes sociais na subjetividade de usuários: Uma revisão crítica da literatura* (4th ed., Vol. 23, pp. 913–927). Temas psicol., Ribeirão Preto.

- Silva, T. de O., & Silva, L. T. (2017). *os impactos sociais, cognitivos e afetivos sobre a geração de adolescentes conectados às tecnologias digitais* (Vol. 34, pp. 87–97). Rev. Psicopedagogia.
- Silveira, M. (2004). *Efeitos da globalização e da sociedade em rede via internet na formação de identidades contemporâneas* (pp. 42–51). Psicologia Ciência E Profissão.
- Silverstone, R. (2002). *Por que estudar a mídia?* (pp. 280–300). Edições Loyola.
- Turkle, S. (2011). *Alone Together Why We Expect More From Technology And Less From Each Other*. Basic Books.
- Turkle, S. (2005). *Second Self Computers And The Human Spirit*. MIT PRESS LTD.
- Unesco (2021). Media and information literate citizens: think critically, click wisely!, (p.3)
- Vermelho, S., Velho, A. P., Bonkovoski, A., & Pirola, A. (2014). *Refletindo sobre as redes sociais digitais* (Vol. 35, pp. 180–196). Educ. Soc., Campinas.
- Wilson, R., Gosling, S., & Graham, L. (2012). *A review of facebook research in the social sciences. perspectives on psychological science* (pp. 203–220).
- Zhao, S., Grasmuck, S., & Martin, J. (2008). *Identity construction on facebook: Digital empowerment in anchored relationships, computers in human behavior* (Vol. 24, pp. 1816–1836). Elsevier Ltd.